



COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Carolina Correia

Relatório da prática do ensino supervisionada II
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
e de Português e História e Geografia de Portugal
no 2.º Ciclo do Ensino Básico

2022-2023

| | ' ' | | ' ' |

COMPREENSÃO DE PROVÉRBIOS NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Carolina Correia

Relatório da prática do ensino supervisionada II
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
e de Português e História e Geografia de Portugal
no 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Adriana Cardoso

2022-2023

| | ' ' | | ' ' |

AGRADECIMENTOS

Após todo este trabalho e empenho, gostaria de dirigir os meus sinceros agradecimentos a todos os que me apoiaram nesta fase importante da minha vida!

Gostaria de agradecer a oportunidade que tive de ter a Professora Adriana Cardoso como orientadora deste estudo, tendo-se mostrado sempre disponível para me ajudar a ultrapassar as dificuldades com que me deparava de forma calma e motivadora.

Reconheço a importância dos professores cooperantes que me acolheram nas suas turmas durante os períodos de estágio e agradeço todos os ensinamentos que me transmitiram.

Não posso deixar de agradecer às minhas amigas de curso pelo acompanhamento, ânimo, diversão e testemunho de trabalho, que se torna mais leve com quem partilha a nossa vida académica!

Um agradecimento final à minha família por todo o carinho e motivação, demonstrando um apoio incondicional em todos os momentos deste percurso, o que me ajudou a chegar até aqui!

RESUMO

O presente relatório encontra-se dividido em duas partes. A primeira descreve e analisa as práticas da Prática de Ensino Supervisionada II, relativas ao 1.º e 2.º Ciclo, enquanto a segunda apresenta um estudo empírico realizado no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico. O estudo empírico desenvolvido centra-se na exploração dos provérbios numa turma de 1.º Ciclo do Ensino Básico com alunos de 1.º, 2.º e 4.º ano, tendo como objetivos: (i) conceber um programa de intervenção que promova a compreensão inferencial de provérbios no 1.º Ciclo; (ii) avaliar o impacto do programa de intervenção no desenvolvimento da compreensão inferencial de provérbios. O estudo apresentado segue uma abordagem qualitativa, complementada por dados quantitativos, e recorre a técnicas como a observação participante, o inquérito por questionário e a análise das produções dos alunos. A implementação do programa de intervenção permitiu perceber que os provérbios trazem contribuições substanciais ao ensino de língua portuguesa, pois permitem várias possibilidades de exploração, desde a fonologia, morfologia, léxico, sintaxe e semântica, mas também a possibilidade de discutir questões ideológicas e culturais, o que pode tornar as aulas de língua portuguesa mais produtivas e interessantes.

Palavras-chave: 1.º Ciclo do Ensino Básico, Provérbios, compreensão inferencial, compreensão literal.

ABSTRACT

This report is divided into two parts. The first describes and analyzes the practices of Supervised Teaching Practice II, concerning the 1st and 2nd Cycle, while the second presents an empirical study carried out in the context of the 1st Cycle of Basic Education. The empirical study focuses on the exploration of proverbs in a 1st Cycle class with 1st, 2nd and 4th grade students, with the following objectives: (i) designing an intervention program to promote inferential understanding of proverbs in the 1st Cycle; (ii) evaluate the impact of the intervention program on the development of inferential understanding of proverbs. The presented study follows a qualitative approach, complemented by quantitative data, and uses techniques such as participant observation, questionnaire survey and analysis of students' productions. The implementation of the intervention program allowed us to realize that proverbs bring substantial contributions to the teaching of the Portuguese language, as they allow several possibilities of exploration, from phonology, morphology, lexicon, syntax and semantics, but also the possibility of discussing ideological and cultural issues, which can make Portuguese language classes more productive and interesting.

Keywords: 1st Cycle of Basic Education, Proverbs, inferential comprehension, literal comprehension.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
Parte 1.....	3
1. Descrição sintética da prática pedagógica desenvolvida no 1.º CEB	4
1.1. Caracterização das principais finalidades educativas da Instituição cooperante	4
1.2. Caracterização do grupo de turma	5
2. Problematização dos dados recolhidos e identificação da problemática de intervenção	6
3. Descrição sintética da prática pedagógica desenvolvida no 2.º CEB	10
3.1. Caracterização das principais finalidades educativas da Instituição cooperante	10
3.2. Caracterização dos grupos de turma	10
3.3. Problematização dos dados recolhidos e identificação da problemática de intervenção	12
4. Análise crítica da prática ocorrida em ambos os ciclos.....	15
Parte 2.....	18
1. Apresentação do estudo.....	19
2. Fundamentação teórica.....	19
2.1. Definição de Provérbio Popular	19
2.2. Os provérbios nos documentos oficiais	24
2.3. Potencial didático dos provérbios em contexto de ensino e aprendizagem.....	25
3. Características do estudo empírico	28
3.1. Definição do problema e questões orientadoras	28
3.2. Objetivo, natureza e design do estudo	29

3.3.	Procedimentos de recolha e tratamento de dados	30
3.4.	Caracterização do contexto e dos participantes.....	33
3.5.	Plano e descrição da intervenção	34
4.	Análise e discussão dos resultados.....	37
4.1.	Resultados do questionário inicial	37
4.2.	Resultados da Atividade 1	45
4.3.	Resultados da Atividade 2	51
4.4.	Resultados do questionário final	54
5.	Conclusão do estudo empírico	62
	REFLEXÃO FINAL	64
	REFERÊNCIAS	67
	ANEXOS.....	71
	Anexo A: Grelha de observação da aula tipos de texto.....	72
	Anexo B: Grelha de observação da aula de divisão silábica	74
	Anexo C: Grelha de observação da aula de composição de um texto informativo e de opinião e de elaboração de adivinhas	76
	Anexo D: Questionário de recolha inicial de informação	78
	Anexo E: Questionário de recolha final de informação	80
	Anexo F: Notas de Campo (Atividade 1)	82
	Anexo G: Cartazes realizados pelos grupos de trabalho	83
	Anexo H: Suporte de apresentação da associação do conto ao provérbio.....	86
	Anexo I: Transcrição das gravações áudio (Atividade 2)	91
	Anexo J: Contos para a Atividade 1	93

Anexo K: Respostas dos alunos às questões de resposta aberta (Questionário Inicial)	98
Anexo L: Atividade realizada pela professora do 4º ano, após apresentação dos cartazes	103
Anexo M: Respostas dos alunos às questões de resposta aberta (Questionário final)	104

Índice de Figuras

Figura 1: Esquema design do estudo	30
Figura 2: Questão 1: Sabes o que é um provérbio?	37
Figura 3: Questão 2: Conheces algum provérbio?.....	39
Figura 4: Questão 3: Usas provérbios quando falas?	41
Figura 5: Questão 4: Conheces alguém que utilize provérbios?	42
Figura 6: Questão 5: Gostarias de conhecer (mais) provérbios?.....	43
Figura 7: Questão 6: Completa: Quem conta um conto... / Quem foi ao ar	44
Figura 8: Questão 1: Gostaste do trabalho que desenvolvemos sobre os provérbios? ...	55
Figura 9: Questão 2: Qual foi a atividade que mais gostaste?.....	56
Figura 10: Questão 3: Achas que é importante conhecer provérbios?	56
Figura 11: Questão 4: Assinala com um X o provérbio que foi mais difícil de compreender durante as atividades realizadas.....	58
Figura 12: Questão 5: Gostavas de conhecer mais provérbios?	59
Figura 13: Questão 6: Explica por palavras tuas o que é um provérbio?	60
Figura 14: Questão 7: Depois das atividades que realizaste, achas que vais usar mais provérbios?	61

Índice de Tabelas

Tabela 1: Grelha do Objetivo Geral e consequentes Indicadores de avaliação do 1º Ciclo	7
Tabela 2: Grelha de avaliação da prestação geral da turma do 1º Ciclo.....	9
Tabela 3: Grelha dos Objetivos Gerais e consequentes Indicadores de avaliação do 2º Ciclo	12
Tabela 4: Grelha de critérios de avaliação do suporte de apresentação	31
Tabela 5: Grelha de critérios de desempenho da apresentação	32
Tabela 6: Grelha de critérios de avaliação de investigação.....	32
Tabela 7: Plano da intervenção.....	34
Tabela 8: Discriminação dos anos de escolaridade incluídos nos grupos	45
Tabela 9: Avaliação dos suportes de apresentação.....	47
Tabela 10: Avaliação das apresentações	49
Tabela 11: Novos provérbios atribuídos aos grupos	51
Tabela 12: Avaliação dos suportes de investigação	52

Lista de abreviaturas

CEB: Ciclo do Ensino Básico

HGP: História e Geografia de Portugal

MEM: Movimento da Escola Moderna

PES II: Prática de Ensino Supervisionada II

PIT: Plano Individual de Trabalho

RTP: Relatório Técnico-Pedagógico

TEIP: Territórios Educativos de Intervenção Prioritária

TTA: Tempo de Trabalho Autónomo

INTRODUÇÃO

| | ' ' | | ' '

Este relatório é apresentado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, no Mestrado de Ensino do 1.º Ciclo no Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

O relatório é composto por duas partes: (i) descrição das práticas pedagógicas desenvolvidas no 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico com as respetivas análises críticas e (ii) apresentação do estudo empírico realizado no âmbito da *compreensão de provérbios nos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB)*.

A prática no 1º Ciclo realizou-se durante sete semanas, com a aplicação do modelo do Movimento da Escola Moderna numa turma mista de 1.º, 2.º e 4.º anos, com um total de 25 alunos. A prática de 2.º Ciclo realizou-se durante onze semanas, em duas turmas de 6.º ano nas disciplinas de Português e História e Geografia de Portugal (doravante designadas como Turma A, com 22 alunos e Turma B, com 21 alunos). Ambas as práticas se realizaram em parceria com uma colega de turma. No relatório, depois da descrição sintética de ambas as práticas pedagógicas, é apresentada uma análise crítica sobre as práticas desenvolvidas.

O estudo empírico desenvolvido tem como objetivos: (i) conceber um programa de intervenção que promova a compreensão inferencial de provérbios no 1.º Ciclo; (ii) avaliar o impacto do programa de intervenção no desenvolvimento da compreensão inferencial de provérbios. Depois de uma breve apresentação do estudo, são apresentados: (i) fundamentação teórica; (ii) características do estudo empírico; (iii) análise e discussão de resultados; (iv) conclusões.

No âmbito das atividades desenvolvidas sobre os provérbios, foram apresentados contos aos alunos que têm uma marca pessoal. Os contos apresentados foram compilados pelo pai da autora deste estudo e eram lidos em voz alta, com o intuito, não só de a adormecer, como também de incrementar conhecimentos e valores morais.

Para terminar este relatório, foi elaborada uma reflexão final sobre a prática realizada e sobre os processos de competências profissionais desenvolvidos na Prática de Ensino Supervisionada II (PES II).

Parte 1

1. Descrição sintética da prática pedagógica desenvolvida no 1.º CEB

1.1. Caracterização das principais finalidades educativas da Instituição cooperante

A intervenção educativa de 1.º CEB foi realizada numa escola situada no centro de Lisboa. A escola adota o Movimento da Escola Moderna (MEM), que consiste em “construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sociomoral dos educandos com quem trabalham, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar.” (Movimento da Escola Moderna, 2023).

O Projeto Educativo da escola tem o foco nos valores essenciais da Democracia. Toda a comunidade escolar (alunos, professores, auxiliares e encarregados de educação) têm o direito de participar no processo de desenvolvimento cognitivo, pessoal e social da criança. É substituída a competição pela cooperação – é através desta que os alunos adquirem conhecimentos partindo dos professores, bem como dos colegas – sendo então reconhecidas as competências de cada criança e dos seus direitos. Deste modo, todos os produtos culturais elaborados (textos, trabalhos artísticos, projetos) são apresentados em grupo e divulgados na comunidade educativa.

Nesta instituição, a diferenciação pedagógica é tida como primeiro plano, na medida em que cada aluno é único e apresenta as suas diferenças. Assim, são aplicadas estratégias diferenciadas e personalizadas ao perfil de cada aluno, de modo a que sejam atingidos os objetivos delineados.

O Projeto Educativo da escola apresenta cinco estruturas de trabalho curricular interligadas: (1) Trabalho de aprendizagem curricular por projetos cooperativos; (2) Trabalho curricular participado pela turma; (3) Trabalho autónomo e acompanhamento individual; (4) Circuitos de comunicação para difusão e partilha dos produtos culturais; (5) Organização e gestão cooperada em conselho de cooperação educativa.

1.2. Caracterização do grupo de turma

A turma, na qual se desenvolveu a intervenção, é constituída por 25 alunos, 11 do 1.º ano, 3 do 2.º ano e 11 do 4.º ano de escolaridade. O grupo apresenta 14 alunos do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos. Existem 3 alunos com Relatório Técnico-Pedagógico (RTP). Estes conseguem realizar o mesmo trabalho que a restante turma, como foi referido pelo professor cooperante em entrevista.

O docente segue o Modelo da Escola Moderna, o que permite que os alunos desenvolvam autonomia e responsabilidade. Sabem trabalhar em grupo, principalmente a pares, e têm uma enorme facilidade na pesquisa de informação e na utilização de tecnologias digitais. O trabalho de projeto é muito valorizado, pelo que os alunos apresentam uma enorme criatividade e habilidade na elaboração de suportes de apresentações.

Mais especificamente na área do Português (área em que se inscreve o estudo empírico apresentado neste relatório), os discentes demonstram ter capacidades na classificação e subclassificação de palavras. Também, na sequência das atividades de promoção da leitura implementadas em sala de aula, os alunos apresentam um gosto enorme pela mesma, resultando na facilidade da leitura em voz alta, bem como na compreensão da leitura. A discussão em grande grupo também é muito promovida, podendo-se identificar assim uma grande aptidão na expressão e compreensão oral.

Contudo, os alunos demonstraram algumas dificuldades na coerência textual, bem como na ortografia, pontuação, translineação, ocupação de espaço, sinais auxiliares de escrita e parágrafos de textos.

Relativamente à Matemática, os alunos de 1.º e 2.º ano apresentam dificuldades na compreensão do conceito de divisão de números inteiros e os alunos do 4.º ano no algoritmo da divisão. A turma, num modo geral, apresenta similarmente dificuldades na interpretação de enunciados e dados a utilizar na resolução de problemas, bem como na capacidade de utilização de diferentes respostas de resolução destes problemas. A turma

também apresenta fragilidade na comunicação matemática e na explicitação do raciocínio matemático. Contudo, o grupo apresenta grandes capacidades na adição e subtração, bem como na elaboração de enunciados, no raciocínio matemático e cálculo mental.

No Estudo do Meio, os alunos demonstram um enorme interesse pela História de Portugal, pelo que se encontravam a realizar um projeto sobre os reis de Portugal.

Esta turma apresenta uma enorme criatividade na área artística. A manipulação de materiais é uma das suas grandes aptidões. No entanto, os alunos de 1.º ano ainda apresentam dificuldades no recorte e colagem. Na Educação Física, os alunos exibem objeções no seguimento de instruções e de regras de jogo, mas demonstram espírito de competição saudável.

2. Problematização dos dados recolhidos e identificação da problemática de intervenção

Após a identificação das fragilidades e potencialidades da turma, definiu-se como problemática a melhoria de competências textuais e ortográficas.

Assim, determinou-se a Questão-problema: “Como desenvolver as competências textuais e ortográficas dos alunos?”, tendo como Objetivo Geral: “Melhorar as competências textuais e ortográficas, em referência a propostas de escrita de acordo com diversos géneros textuais”.

Para este Objetivo Geral foram selecionados os seguintes indicadores de avaliação:

Tabela 1

Grelha do Objetivo Geral e consequentes Indicadores de avaliação do 1.º Ciclo

Objetivo Geral	Indicadores de avaliação
Melhorar as competências textuais e ortográficas, em referência a propostas de escrita de acordo com diversos géneros textuais	Produce textos adequados às características do género textual.
	Utiliza conectores e organizadores de discurso.
	Produce textos com correção ortográfica.
	Constrói textos coesos e coerentes partindo de propostas de escrita.
	Distingue as características dos diversos géneros textuais.

De maneira a poder avaliar as aprendizagens dos alunos, foi realizada uma avaliação formativa contínua. Foram utilizados métodos mais informais de avaliação, onde se observa o esforço e as aprendizagens dos alunos, em que o professor tem em consideração as fragilidades e potencialidades de cada um (Pinto & Santos, 2018). Deste modo, na avaliação dos discentes, foram tidos em conta alguns momentos como o (I) de feedback fornecido pelos alunos durante a realização das atividades propostas, bem como nos momentos em coletivo e de debate, (II) de autoavaliação, (III) de marcação de apoios e para além disso, para a avaliação da aprendizagem dos alunos, foram ainda utilizadas (IV) as produções e apresentações de resultados.

A dimensão de autorregulação e da utilização de estratégias, que permitem a monitorização do próprio desempenho, é um aspeto muito relevante no MEM, “os educandos responsabilizam-se por colaborarem com os professores no planeamento das atividades curriculares, por se interajudarem nas aprendizagens que decorrem de projetos

de estudo, de investigação e de intervenção e por participarem na sua avaliação.” (Movimento da Escola Moderna, 2023). Assim, nos momentos de autoavaliação, após o preenchimento do Plano Individual de Trabalho (PIT), foi possível compreender o sentido crítico dos alunos perante o seu trabalho. A marcação de apoios serviu similarmente para visualizar os alunos capazes de identificar as suas dificuldades e os alunos disponíveis para auxiliar estes colegas.

Tendo em consideração o objetivo geral e indicadores de avaliação, foi realizada a avaliação das aprendizagens adquiridas pelos alunos. Para isto, foram utilizadas grelhas de observação do desempenho praticado nas tarefas que incluíssem este objetivo.

Sendo que o objetivo principal era “Melhorar as competências textuais e ortográficas, em referência a propostas de escrita de acordo com diversos géneros textuais”, a nível do Português, para os alunos de 4.º ano, foi abordado o conceito dos tipos de texto (foram trabalhadas as características dos textos narrativos, explicativos, dramáticos e descritivos), sendo que esta abordagem serviu de introdução para o objetivo principal. De um modo geral, partindo da leitura da grelha de observação em anexo (Anexo A) é possível identificar que os alunos do 4.º ano adquiriram conhecimentos acerca deste conceito, demonstrando as seguintes classificações: 3- Bom e 4- Muito Bom.

As competências textuais e ortográficas foram trabalhadas a partir da atividade realizada sobre a divisão silábica e a classificação da posição da sílaba tónica. Nesta, os alunos de 2.º e 4.º ano tinham de elaborar enunciados sobre este tema, para o par responder e os alunos de 1.º ano tinham de escrever palavras para o colega efetuar a divisão silábica. De um modo geral, analisando a grelha de observação (Anexo B), pode-se afirmar que os alunos de 1.º ano apreenderam os conhecimentos sobre a divisão silábica, bem como a restante turma. Os alunos de 2.º ano apresentaram maiores dificuldades na elaboração de enunciados de exercícios desafiantes, similarmente aos alunos do 4.º ano. Contudo, em termos de coesão na escrita, todos os alunos de ambos os anos apresentaram bons resultados.

Relativamente à Matemática, indo ao encontro do objetivo geral, foram desenvolvidas atividades como a elaboração de um texto informativo de opinião, partindo

de um glossário sobre Geometria (para os alunos de 4.º ano) e a elaboração de adivinhas sobre as figuras geométricas (para o 1.º e 2.º ano). Verificando na grelha de observação (Anexo C), os alunos do 1.º e 2.º ano verificou-se uma média superior ao nível Bom, tanto relativamente aos conteúdos específicos das figuras geométricas como à construção de um texto coeso e coerente. Os alunos de 4.º ano apresentaram algumas dificuldades na elaboração de um texto informativo de opinião, sendo que se pode observar na grelha (Anexo C) valores entre o Suficiente e o Bom.

No que se refere às Expressões Artísticas e Físico-motoras, apenas foram desenvolvidas atividades de Teatro e Expressão Plástica, em que os resultados foram extremamente positivos atendendo à participação, ao empenho e motivação dos alunos na realização dessas atividades.

Tendo em conta os indicadores de avaliação presentes na Tabela 2 e a prestação dos alunos verificada ao longo da intervenção, pode ser concluído que a turma de um modo geral obteve a seguinte avaliação (1-Insuficiente, 2-Suficiente, 3-Bom, 4-Muito Bom):

Tabela 2

Grelha de avaliação da prestação geral da turma do 1º Ciclo

Indicadores de avaliação	Avaliação
Produz textos adequados às características do género textual.	3
Utiliza conectores e organizadores de discurso.	2
Produz textos com correção ortográfica.	2
Constrói textos coesos e coerentes partindo de propostas de escrita.	3
Distingue as características dos diversos géneros textuais.	3

3. Descrição sintética da prática pedagógica desenvolvida no 2.º CEB

3.1. Caracterização das principais finalidades educativas da Instituição cooperante

O Agrupamento, no qual a intervenção decorreu, está inserido no programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), que se situa na área da Grande Lisboa. Este programa é uma iniciativa governamental, que é atualmente implementado em 146 agrupamentos de escolas localizadas em territórios que são económica e socialmente desfavorecidos. Nestes territórios, existem marcadamente abandono e insucesso escolar. Deste modo, os objetivos centrais deste programa são a prevenção e redução do abandono escolar precoce e do absentismo, bem como a redução de indisciplina, promovendo assim o sucesso educativo de todos os alunos (Direção-Geral da Educação, s.d.).

O Agrupamento que integra a escola, onde se desenvolveu a prática interventiva, tem como missão contribuir para o desenvolvimento integral das crianças e jovens das suas escolas, partindo da criação de condições favoráveis quer ao desenvolvimento de competências para o sucesso quer à transmissão de conhecimentos e de experiências facilitadoras da sua integração adaptada e ativa na sociedade em mudança.

A escola é frequentada por alunos desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico até ao 3.º CEB. As turmas nas quais incide o plano de intervenção são de 6.º ano do 2.º CEB, constituídas por alunos pertencentes, predominantemente, a famílias de grupo socioeconómico médio-baixo.

3.2. Caracterização dos grupos de turma

A intervenção decorreu em duas turmas de 6.º ano (designadas como Turma A e Turma B, como referido na introdução deste estudo). A Turma A constituída por 22

alunos, 10 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 10 e 16 anos. O número de retenções – 8 desde o primeiro ano de escolaridade - são a razão justificativa da faixa etária abrangente. O grupo é multicultural, integrando alunos de várias nacionalidades, como brasileira, cabo verdiana, guineense e angolana. Esta turma possui 4 alunos com RTP, em que um em particular não realiza as atividades propostas em sala de aula.

A Turma B tem 21 alunos, 7 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 10 e os 17 anos. A razão que também justifica estas faixas etárias é o número de retenções (5 retenções desde o 1.º ano de escolaridade). O grupo tem ascendência de variados países – brasileira, cabo verdiana, guineense, angolana, paquistanense e ucraniana - consistindo então num grupo multicultural. Os alunos provenientes do Paquistão e da Ucrânia apresentam dificuldades acrescidas na compreensão do português, tanto falado como escrito.

Ambas as turmas apresentam comportamentos agitados, sendo estes também referidos pelas professoras cooperantes como o fator mais desafiador nas turmas. Foi possível distinguir as turmas a nível da aprendizagem. A Turma A demonstra maior facilidade em participar e interiorizar novos conhecimentos, ao contrário da Turma B. Este grupo de turma demonstra ser mais desafiador na medida em que os alunos apresentam grande desinteresse pela escola, faltando ou não realizando as atividades propostas em sala de aula.

Contudo, os alunos demonstram grandes potencialidades nas competências a nível das atitudes como autossuficiência, provavelmente devido ao facto de não terem o apoio devido em casa, acabando por se tornar mais responsáveis, tanto a nível escolar, como a nível pessoal; bem como o empenho e a curiosidade, na medida em que os discentes, ao se interessarem por um conteúdo/tema, demonstram maior motivação e consequente dedicação, obtendo um melhor desempenho.

Mais especificamente, nas áreas curriculares do Português e História e Geografia de Portugal (HGP), ambas as turmas apresentam dificuldades na compreensão da leitura, bem como na interpretação de gráficos mais complexos. Os alunos apresentam fragilidade

na expressão escrita - exibindo vocabulário limitado e pouco científico, na ortografia – utilização adequada de maiúsculas e minúsculas, utilização correta de sinais de pontuação, organização do texto em parágrafos – e ainda na produção criativa textual.

3.3. Problematização dos dados recolhidos e identificação da problemática de intervenção

Após a identificação das fragilidades e potencialidades das turmas, foi possível definir como problemática: o envolvimento dos alunos em atividades ativas que contribuam para melhorar o seu desempenho escolar.

Desta forma, identificaram-se as seguintes Questões-problema: (1) Como podemos resolver a questão da falta de interesse dos alunos pela escola? (2) Que estratégias/regras podemos implementar para melhorar o comportamento dos alunos? (3) Que estratégias podem ser utilizadas para desenvolver a responsabilidade e assiduidade? (4) Como podemos melhorar a competência de leitura dos alunos?

Para isto, foram formulados os seguintes Objetivos Gerais e consequentes indicadores de avaliação:

Tabela 3

Grelha dos Objetivos Gerais e consequentes Indicadores de avaliação do 2º Ciclo

Objetivos Gerais	Indicadores de Avaliação
A) Cumprir regras que conduzam ao “saber-estar”, de maneira a desenvolver a responsabilidade e autonomia	1) Não destabiliza a aula. 2) Pede autorização para participar. 3) Ouve e respeita o pedido pela estagiária/professora.

	<p>4) Ouve e respeita a opinião e participação dos colegas.</p> <p>5) Traz o material necessário para a aula.</p> <p>6) Copia o sumário para o caderno sem necessitar de ser lembrado pela professora/estagiária.</p> <p>7) Realiza as atividades propostas em aula;</p> <p>7.1) Realiza as atividades propostas em aula, já sem ajuda ou orientação.</p> <p>8) Termina as atividades propostas em aula.</p>
<p>B) Desenvolver a capacidade de compreensão da leitura</p>	<p>1) Entende o assunto tratado no texto/documento/imagem/gráfico.</p> <p>2) Percebe as instruções dos enunciados.</p>
<p>C) Desenvolver a capacidade de expressão escrita</p>	<p>1) Produz textos adequados às características do género textual.</p> <p>2) Produz textos coerentes e coesos.</p> <p>3) Utiliza conectores e organizadores de discurso.</p> <p>4) Produz textos com correção ortográfica.</p>

De modo a motivar os alunos, uma das estratégias mais simples e diretas de utilizar foi o constante feedback positivo e conseqüente criação de relação, sendo que segundo Sadler (1998, citado por Pinto & Santos, 2018), é a partir da constante transmissão de feedback positivo que os alunos demonstram um melhoramento do seu desempenho, sendo que é desenvolvida motivação e conseqüente participação e aumento da atenção por parte do grupo de turma. Assim, também através do questionamento oral, os alunos aprendem a refletir sobre a sua performance e conseguem melhorá-la. Os recursos inovadores e dinâmicos (PowerPoints, vídeos explicativos, cartas sobre modo conjuntivo, esquemas-resumo) foram igualmente criados, para cativar a atenção e interesse dos alunos.

A avaliação das aprendizagens dos alunos surge explicitada em duas categorias, de acordo com o resultado da análise das grelhas elaboradas no final de cada aula:

A) Avaliação do domínio das atitudes e valores

Em todas as reflexões elaboradas durante o período de observação das aulas verificou-se dificuldades no cumprimento das regras da sala de aula, no cumprimento dos trabalhos de casa e na assiduidade regular de alguns alunos. Por essa razão houve necessidade de registar nas grelhas elaboradas no final de cada aula a prestação dos alunos em relação a esses itens (coloca o dedo no ar antes de intervir; respeita os momentos de intervenção dos colegas, não interrompendo os mesmos e coloca questões relacionadas com o tema, além de outra grelha para registo da execução dos trabalhos para casa), para se poder proceder a uma avaliação consciente. Pode verificar-se através das grelhas que os resultados obtidos foram bastante positivos não só na melhoria da participação e na assiduidade, assim como, na realização dos trabalhos para casa.

B) Avaliação dos conteúdos

De um modo geral os alunos desenvolveram as competências previstas, através da realização bem-sucedida das atividades planificadas. Verificou-se aula a aula, através de registos em grelha que os alunos adquiriram os conteúdos lecionados e foram progredindo nos vários descritores: entende o assunto tratado no

texto/documento/imagem/gráfico; percebe as instruções dos enunciados; produz textos adequados às características do género textual; produz textos coerentes e coesos; utiliza conectores e organizadores de discurso e produz textos com correção ortográfica.

Pode considerar-se, atendendo às dificuldades manifestadas no início da prática supervisionada, que a Turma B teve uma evolução muito positiva e mais notória do que a Turma A (dado que na Turma A os alunos apresentavam menos dificuldades no domínio das atitudes e valores). A observação das aulas que antecederam a prática supervisionada facultou todo o processo inerente ao Plano de Ação desenvolvido. Através das grelhas aplicadas verificou-se que os alunos se foram mostrando mais interessados e motivados, participando nas atividades propostas com mais empenho, o que permitiu uma boa dinâmica do trabalho desenvolvido.

4. Análise crítica da prática ocorrida em ambos os ciclos

O presente capítulo tem como objetivo refletir sobre as práticas interventivas realizadas no 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico. Para o efeito, é apresentada uma análise comparativa entre os dois ciclos e uma reflexão sobre as estratégias adotadas para ultrapassar os constrangimentos sentidos.

Em primeira instância, é bastante fácil distinguir os dois estágios, na medida em que os dois são contextos muito diferenciados. O estágio realizado no 2.º Ciclo está inserido num contexto desfavorável socioeconomicamente, no qual os alunos se demonstram muito desinteressados pela escola, bem como pelo próprio sucesso. Tal não acontece no contexto de intervenção de 1.º Ciclo, em que os alunos estão muito motivados, sendo mais responsáveis e autónomos.

Um ponto importante a realçar foi o caso da relação criada com os alunos durante o tempo reduzido de intervenção. No entanto, esta questão não revelou contratempos durante a mesma, os alunos demonstraram sempre interesse pelas aulas lecionadas e conseqüente empatia para com as estagiárias. Tendo em consideração o facto de que as

turmas do 2.º CEB contactaram pela primeira vez com estagiários, apesar de no início se mostrarem distantes, ao longo da intervenção, os alunos demonstraram-se cada vez mais abertos à possibilidade de aprendizagem.

A gestão da sala de aula do 1.º Ciclo é completamente distinta da do 2.º CEB, no entanto é possível afirmar que a turma revela um comportamento agitado, que decorre do próprio trabalho, ao contrário do 2.º Ciclo. O controlo do comportamento das turmas deste Ciclo também se demonstrou desafiante, contudo, com o desenvolvimento de uma boa-relação e consequente utilização de recursos dinâmicos, que propiciam a motivação, este constrangimento foi ultrapassado. A turma do 1.º Ciclo possuía vários anos de escolaridade e sendo que cada aluno necessitava de organizar os materiais necessários para a sua aprendizagem, registava-se uma agitação própria desse trabalho.

Partindo desta linha de pensamento, é viável mencionar as mais-valias e as fragilidades verificadas numa turma mista. Sendo que, os alunos estão diariamente, em sala de aula, em contacto com colegas de diferentes anos de escolaridade, é desenvolvida uma relação de respeito, empatia e consequente tolerância para com o outro, na medida em que (utilizando a prática no 1.º Ciclo como exemplo) ao serem organizados tempos em coletivo, os alunos têm de desenvolver a capacidade de ser paciente e respeitar o trabalho dos colegas mais novos, que se encontram numa fase inicial de aprendizagem. Igualmente, os alunos mais novos ao contactar regularmente com conteúdos mais avançados, acabam por aumentar os seus conhecimentos intencionalmente. Responsabilidade e sentimento de proteção também são outras atitudes que poderão derivar desta relação, sendo que os alunos mais velhos sentir-se-ão como exemplo para os restantes colegas. Contudo, a organização deste tipo de turmas apresenta ser um grande desafio. As planificações de atividades bem como a gestão da sala de aula são dificuldades sentidas pelos docentes.

Um obstáculo sentido nas duas práticas interventivas, foi o cumprimento dos tempos previstos nas planificações, isto porque, como Casimiro (2019, p.3) cita Jones e Jones (2012) “tanto os professores iniciantes como alguns professores mais experientes, geralmente, lutam para manter uma sala de aula bem gerida onde os alunos possam

aprender”, sendo que nem sempre é possível prever os acontecimentos e comportamentos em sala de aula. Cada turma e cada aluno apresenta comportamentos diferentes que nem sempre são previstos pelos professores.

De modo a lidar com esta questão, foi sempre necessário ter em atenção alguns aspetos, como a participação de cada aluno, o tempo de conclusão de uma tarefa, tendo sempre em conta as características do contexto apresentado. Esta precaução pode evitar a precipitação da realização de tarefas e consequente desatenção pelo assunto em causa. Assim, com a ajuda dos professores cooperantes, ao longo das intervenções foi feita esta adaptação.

Relativamente aos métodos de ensino e de aprendizagem, a escola em que se incidiu a prática no 1.º Ciclo era privada, pelo que os alunos possuíam mais recursos de aprendizagem (como materiais manipuláveis, disposição de 6 computadores em todas as salas de aula). O método de aprendizagem utilizado é o MEM, pelo que os alunos claramente demonstram ser mais conscientes, responsáveis e autónomos relativamente à sua aprendizagem. No 2.º Ciclo, as cooperantes organizam as aulas através do método expositivo, sendo que a docente de Português utiliza o manual para realizar atividades e a professora de HGP expõe os conteúdos através de PowerPoint, utilizando ainda o manual. Neste contexto, os alunos demonstram atitudes ainda por desenvolver como a responsabilidade, o respeito e a autonomia relativos à sua aprendizagem.

Resumindo, foi conseguido com sucesso a aquisição de aprendizagens acerca de alguns dos problemas enfrentados pelos professores. Deste modo, as metodologias utilizadas serviram para o desenvolvimento de notórias ferramentas que serão tidas em consideração na futura profissão.

Parte 2

1. Apresentação do estudo

As estruturas proverbiais fazem parte da nossa identidade coletiva e cultural, de maneira que é essencial preservar este património imaterial, que como ainda é referido por Coelho (2021) “apesar de não estarem em crise, usa-os especialmente a faixa mais idosa da população na relação entre si e os que lhes são mais próximos”. Tendo em conta o contexto em que se incidiu a intervenção, o tema de estudo escolhido foram os Provérbios Populares, mais especificamente a *Promoção da compreensão de provérbios nos alunos do 1.º CEB*. Esta decisão foi tomada partindo de momentos de observação direta efetuados pela mestranda, durante as aulas do docente cooperante em que pronunciou alguns provérbios, sendo que a reação e sentimento transmitidos pelos alunos foi de equivocação e confusão.

Para esta investigação-ação, foram então elaborados os seguintes objetivos: (i) conceber um programa de intervenção que promova a compreensão inferencial de provérbios no 1.º Ciclo; (ii) avaliar o impacto do programa de intervenção no desenvolvimento da compreensão inferencial de provérbios.

De seguida, tendo em conta a problemática acima referida, foram feitas as seguintes questões de investigação, de modo a serem respondidas com a realização da investigação: Como poderá ser desenvolvida a interpretação de provérbios? De que forma a exploração de provérbios poderá contribuir para o desenvolvimento da compreensão da leitura? Existirá diferença na interpretação dos provérbios, tendo em conta a faixa etária?

2. Fundamentação teórica

2.1. Definição de Provérbio Popular

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2003), o termo *provérbio* deriva do latim *proverbû* e designa: 1) sentença moral ou conselho da sabedoria popular; adágio; ditado; máxima; rifão; anexim.

É bastante usual utilizarem-se no português oral outros termos sinónimos para o termo provérbio, nomeadamente os referidos acima: ‘adágio’, ‘ditado’, ‘rifão’, ‘anexim’. Xavier da Cunha (1982), citado por Lopes (1992, p. 10), “reconhece a dificuldade de definir claramente cada um destes termos”, contudo é referido que ‘adágio’ é utilizado para “designar um provérbio antiquado”. O termo ‘ditado’ é maioritariamente “utilizado na linguagem corrente como sinónimo de adágio ou rifão popular”. O ‘rifão’ “é propriamente o provérbio que anda na boca do povo”. Por fim, o termo ‘anexim’ é referenciado pelo autor como “um axioma vulgar, ordinariamente em verso e com aliteração, em que se contém uma regra prática de moral com um sentido satírico alusivo e em forma metafórica”.

Os provérbios, como refere Lopes (1992, p. 9), tradicionalmente têm sido definidos como “sentenças lapidares e concisas que o uso popularizou e consagrou”. Ao contrário dos aforismos, apotegmas e máximas - textos breves que possuem um autor reconhecido, por corresponderem a ditos memoráveis de personagens ilustres - os provérbios circulam sempre como textos anónimos, veiculados oralmente (Lopes, 1992).

Os provérbios populares exprimem um pensamento, ensinamento, advertência ou conselho, muitas vezes de modo metafórico e ritmado, sendo normalmente constituídos por frases curtas de autores desconhecidos transmitidos de geração em geração. São expressões que se originaram em experiências da vida humana e que fazem parte da cultura dos povos. Santos (2013) confirma isto mesmo:

Os provérbios fazem parte do folclore e da cultura dos povos, sendo transmitidos de geração para geração, principalmente pela linguagem oral, e constituindo-se como parte importante do léxico da língua. As expressões proverbiais auxiliam na comunicação, uma vez que podem ser utilizadas com diversos objetivos: consolar, advertir, praguejar, etc.

São expressões utilizadas no quotidiano que funcionam como um forte elemento persuasivo na comunicação (devido à sua brevidade, são fáceis de memorizar), acabando por apresentar um carácter fortemente popular.

Os provérbios são entendidos como textos de Tradição Oral, sendo que são expressões “que circulam oralmente, ao longo das gerações, entre classes não hegemónicas” (Gomes, 2000 citado por Coelho, 2021, p. 40). É a partir das manifestações verbais que o povo se dá a conhecer, sendo que é a partir dos textos de Tradição Oral que é refletida a mentalidade de um povo - as suas crenças, a sua história, os seus valores (Coelho, 2021, p.40). “Por essa razão, se torna importante conhecer o património oral de uma sociedade e dá-lo a conhecer a quem ainda vai a tempo de o conservar: as nossas crianças.” (p.40).

Deste modo, estas expressões devem ser exploradas nas aulas de Português, de maneira a que os alunos consigam aperceber-se da sua importância nos variados contextos comunicativos (Santos, 2013). É de destacar que os provérbios isolados e mal interpretados podem induzir a erro e distorcer situações, sendo como tal o seu estudo valorizado.

É possível encontrar provérbios relacionados com variadas temáticas. Antão (2009, citado por Teixeira, 2014) afirma que “antes da existência da escrita, os provérbios tinham como função facilitar a difusão de conhecimentos e de valores morais, em que todos deveriam basear os seus comportamentos” (p. 22). Deste modo, estas frases populares carregam conhecimento e por isso transmitem sabedoria e uma lição para quem as ouve.

Segundo Andrade (s.d.), os provérbios populares poderão ser destacados em três dimensões: (1) dimensão linguística, (2) dimensão histórica e (3) dimensão social.

A dimensão linguística engloba a estrutura e significado dos provérbios. Estes podem sofrer uma evolução e transformação fonológica, sintática e morfológica, pois ao serem falados e “transportados” para outras regiões, sofrem adaptações em função da variedade linguística de cada região. O autor refere que: “os provérbios são dizeres coletivos em todas as partes, expandem-se para além das divisões geográficas, saltam de um ponto para outro, transformam-se, sofrem contaminação e sobrevivem no próprio conteúdo.” (Andrade, s.d.).

A dimensão histórica está associada ao contexto em que o provérbio foi enunciado, de modo a ser possível a sua compreensão. Tanto o contexto geográfico como temporal são fatores relevantes para a interpretação e compreensão da origem do provérbio.

Por fim, a dimensão social decorre “do facto de o provérbio ser uma manifestação social” (Andrade, s.d.), que transmite um conhecimento e pode envolver mudança no pensamento de quem o ouve.

Contudo, é possível afirmar que estas três dimensões se correlacionam, na medida em que as frases proverbiais sofrem mudanças evolutivas devido ao contexto em que estão a ser usadas. Ou seja, é a partir do contexto geográfico, temporal (dimensão histórica) e social que os provérbios sofrem mudança fonológica, sintática e morfologicamente (dimensão linguística), de modo a conseguirem ser interpretados pela sociedade.

Muitas vezes, as expressões proverbiais são confundidas por expressões idiomáticas. Barros (2010) refere que, apesar de os provérbios e as expressões idiomáticas terem características em comum, existem características únicas que distinguem estas duas expressões, como os enunciados autónomos, os discursos de autoridade, os discursos polifónicos e a moral da história (Barros, 2010, pp. 341-342).

Os enunciados autónomos são caracterizados “pelo fato de o provérbio ser um enunciado fraseológico complexo autónomo” (Barros, 2010, p.340). Ao contrário das expressões idiomáticas que “são estruturalmente constituídas por enunciados incompletos”, assim são parte integrante do discurso, que por vezes é necessário sujeito e complementos próprios para completar o sentido da oração. Utilizando as expressões idiomáticas “Ossos do ofício” ou “chover a potes” como exemplo, quando expressado oralmente é necessário acrescentar complementos, de modo a que a frase tenha sentido: “**Isso são** ossos do ofício” ou “**Naquele dia, choveu** a potes”.

Os provérbios são discursos de autoridade, pelo que “a argumentação de quem o utiliza se torna invencível, já que nele está contida a sabedoria universal, apoiada em

concepções tradicionais aceitas pela sociedade. As expressões idiomáticas, por outro lado, não têm essa característica.” (Barros, 2010, p. 340). Lopes (1992, p. 9) também confirma isto mesmo: “Sendo considerado fruto de antiga sabedoria, o provérbio impõe-se como argumento de autoridade justamente porque veicula assunções comumente reconhecidas como verdadeiras”.

A polifonia também é uma característica única dos provérbios. Ao conter tantas experiências antepassadas, o provérbio “é formado por vários discursos, representando a voz da coletividade e podendo falar por instituições e grupos sociais” (Barros, 2010, p. 340). Pelo contrário, as expressões idiomáticas “não constituem um discurso polifônico” (Barros, 2010, p.340).

Por fim, os provérbios detêm sempre uma moral da história, “a presença dos provérbios tem o intuito de educar, admoestar, advertir, pois veiculam mensagens que servem para orientar as condutas do leitor.” (Barros, 2010, 342). Por este motivo, é que muitas das histórias/contos/fábulas para a infância encerram com um provérbio, de modo a resumir a moral da história numa única e, maioritariamente, simples frase. As expressões idiomáticas, não desempenham a função de advertir o público para a mensagem por detrás das histórias.

A elaboração de atividades que promovam o desenvolvimento da consciência lexical nos primeiros anos de escolaridade detêm uma grande importância, segundo Duarte (2011, p. 24). Esta, refere a sua importância mencionando que:

não há melhor forma de levar as crianças a desenvolver a sua consciência lexical do que envolvê-las em actividades (aparentemente apenas lúdicas) que as obriguem a concentrar-se ora na forma fónica das palavras, ora na sua forma ortográfica, ora na sua estrutura interna, ora nas condições que impõem ao contexto, ora no seu significado.

Este tipo de atividades desperta o interesse pelo tema e promove “o domínio de estratégias autónomas de aprendizagem de palavras novas.” (Duarte, 2011, p. 24). Segundo a mesma autora, ao promover a memorização e produção de trava-línguas e

lengalengas, as crianças focalizam-se no “formato fônico das palavras, treinando a sua perícia articulatória (...), e em formatos sintáticos” (p. 25), bem como em “Actividades de reconhecimento e uso contextualizado de (..) provérbios (e.g., filho de peixe sabe nadar), que lhes permitem compreender que estas expressões têm um comportamento distinto das combinações livres de palavras, já que o seu significado não é atribuído composicionalmente” (p. 25).

2.2. Os provérbios nos documentos oficiais

Como já foi destacado anteriormente na secção 2.1, o uso isolado de provérbios pode levar a uma interpretação incorreta, pelo que é importante desenvolver nas crianças, a nível do Português, a compreensão inferencial destas expressões, para além da compreensão literal.

A escola, enquanto contexto propício à aprendizagem, tem o dever de desenvolver certas competências que se integram no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Assim, as competências desenvolvidas nos alunos, perante a capacidade de interpretação de provérbios, são: Linguagens e textos, Pensamento crítico e pensamento criativo.

As competências na área de Linguagens e textos são desenvolvidas pela utilização de provérbios na medida em que poderão ser aplicadas estas linguagens de modo adequado aos diferentes contextos de comunicação, bem como no domínio de capacidades de compreensão e expressão nas modalidades oral, escrita, visual e multimodal.

Os alunos ainda poderão trabalhar as competências de pensamento abrangente e em profundidade, analisando a informação e argumentando as suas ideias, relativas à área do Pensamento crítico e pensamento criativo.

Ao (1) Mobilizar experiências e saberes no processo de construção de sentidos do texto; (2) Explicitar ideias-chave do texto; (3) Identificar o tema e o assunto do texto ou de partes do texto; (4) Expressar uma opinião crítica acerca de aspetos do texto (do

conteúdo e/ou da forma), serão as Aprendizagens Essenciais de Português – 4.º ano (Ministério da Educação, 2018) aprofundadas com a elaboração de atividades de interpretação de provérbios e apresentação dos resultados.

As *Competências para uma Cultura Democrática*, podem ser desenvolvidas, através da promoção do desenvolvimento da interpretação de provérbios, em que os alunos serão capazes de analisar e de instituir pensamento crítico e ainda conhecimento e compreensão crítica da linguagem e da comunicação. Similarmente, poderão ser trabalhados valores como a justiça, a equidade, a igualdade, o Estado de direito, consideração pela dignidade humana e direitos humanos, bem como da diversidade cultural.

De maneira a fazer ponte com todas estas capacidades, desenhou-se um projeto de intervenção apoiado pela interdisciplinaridade, incrementando aprendizagens científico-pedagógicas sobre os Provérbios Populares.

2.3. Potencial didático dos provérbios em contexto de ensino e aprendizagem

Lopes (1992, p. 9) afirma que “O provérbio tem sido encarado como um instrumento didático, através do qual se ditam normas de comportamento e se perpetuam valores axiológicos que funcionam como alicerce da vida comunitária”. Assim, pode-se afirmar que os provérbios têm um grande potencial didático no contexto de ensino-aprendizagem, transmitem ensinamentos e reflexões sobre a vida, valores culturais, sabedoria popular e experiências humanas. São também caracterizados pela sua métrica e figuras de estilo empregues: rima; rima imperfeita; aliteração; assonância; personificação; paradoxo; e simetria. Estas características permitem que o provérbio seja facilmente reconhecido e mais facilmente memorizado. De acordo com Lopes (1992, p. 34) é necessário no texto de um provérbio ter a noção do significado e da interpretação: saber o que significa depende do falante; a interpretação envolve a ativação de mecanismos inferenciais baseados no conhecimento enciclopédico que se tem acerca do

mundo, a captação da intenção comunicativa do locutor, o processamento de operações cognitivas que viabilizam o cálculo dos níveis indiretos ou figurados do seu significado.

Para o ensino do Português, os provérbios podem ser utilizados para desenvolver o léxico, para além de lecionar as construções gramaticais de forma contextualizada, utilizando como exemplo as expressões proverbiais. Como Duarte (2013) defende, é com a promoção de atividades que desenvolvam a consciência lexical, como os provérbios, que a curiosidade dos alunos é despertada “para saberem mais acerca das palavras que promovem o domínio de estratégias autónomas de aprendizagem de palavras novas” (p. 24).

Os alunos podem ainda aprender o significado dos provérbios, explorar o uso das palavras e expressões contidas neles, além de praticar a compreensão e produção oral e escrita, discutindo o seu significado e aplicação em diferentes contextos. Como Lopes (1992) refere, o conteúdo do “provérbio remete-nos mais para a experiência passada do que para um comportamento futuro” (p. 19), pelo que “o mesmo provérbio pode funcionar como avaliação negativa de um determinado comportamento, ou até como injunção indirecta” (ex: “Quem anda à chuva molha-se”) ou servir de motivação (ex: “Com perseverança, tudo se alcança”), tendo então em consideração o desenvolvimento da capacidade de interpretação dos provérbios na aplicação em diferentes contextos.

Para além desta área curricular, os provérbios populares podem ser explorados noutras áreas de conhecimento como História, na medida em que fornecem elementos importantes sobre as culturas, costumes e tradições dos diversos povos e períodos históricos, incrementando então um conjunto de valores essenciais ao desenvolvimento de um cidadão ativo e consciente em sociedade. Neste contexto, os alunos podem pesquisar sobre a origem das expressões populares, bem como da sua evolução e transformação ao longo do tempo, contribuindo, assim, para ampliar o repertório cultural dos estudantes.

Com isto, como ponto de partida através da interpretação dos provérbios, poder-se-á realizar uma discussão em sala de aula sobre valores éticos e sociais. A título de exemplo, o grupo de turma poderá refletir sobre o significado dos provérbios, bem como

avaliar a sua relevância para a sociedade atual, relacionando-os com as suas experiências pessoais. Este tipo de discussões promovem o pensamento crítico, desenvolvem o poder de argumentação e a capacidade de expressão de ideias.

Concluindo, é possível afirmar que a exploração dos provérbios é uma mais-valia para a aprendizagem dos alunos, verificando-se a transmissão oral de conselhos de vida, formas de estar, sabedoria popular referentes a acontecimentos do quotidiano aplicáveis a diversas situações do dia-a-dia.

3. Características do estudo empírico

3.1. Definição do problema e questões orientadoras

Durante a intervenção realizada no 1.º CEB, foi observado o desconhecimento dos estudantes em relação ao significado dos provérbios, principalmente no que concerne à compreensão inferencial. Este facto foi verificado em momentos de observação naturalista em sala de aula, em que muitas vezes o professor cooperante utilizava provérbios para tentar explicar um facto ou ensinar uma lição aos alunos. Nestes momentos, os alunos mostravam alguma inquietação e questionavam frequentemente o professor sobre o sentido do provérbio, dado que só conseguiam aceder ao seu significado literal.¹

Efetivamente, as camadas mais jovens não conhecem o significado de muitos dos provérbios usados por uma camada mais idosa da população. Como refere Coelho (2021, p. 18), no âmbito de um estágio realizado no 4.º ano, "foi visível o desconhecimento dos alunos perante textos da Tradição Oral e as dificuldades sentidas na compreensão de Provérbios, principalmente no que toca à sua compreensão inferencial." Esta autora refere que o trabalho sobre provérbios permite que os alunos possam "através do contacto com variados textos proverbiais, ganhar um maior interesse pela sua identidade cultural pois, afinal, "na medida em que cada povo melhor se conhecer a si próprio, (...) melhor saberá sempre descobrir o rumo certo a tomar" (Parafita & Fernandes, 2007 citado por Coelho, 2021, p. 58).

Tendo em conta esta problemática, definiu-se, para o presente estudo, a seguinte questão orientadora: Poderá um programa de intervenção concebido para a exploração de provérbios contribuir para promover a compreensão inferencial de provérbios no 1.º Ciclo?

¹ A título de exemplo, é de referir que um dos provérbios usados pelo professor cooperante foi *Até à lavagem dos cestos é vindima*, num contexto em que os alunos deveriam, no final do trabalho de projeto, fazer a arrumação e limpeza da sala. Os alunos não conseguiram perceber o significado figurativo do provérbio, apreendendo apenas o significado literal.

3.2. Objetivo, natureza e design do estudo

Este estudo tem como objetivos: (i) conceber um programa de intervenção que promova a compreensão inferencial de provérbios no 1.º Ciclo; (ii) avaliar o impacto do programa de intervenção no desenvolvimento da compreensão inferencial de provérbios.

O estudo insere-se numa linha de investigação-ação. Coutinho et. al. (2009, p. 360) descrevem a investigação-ação como uma “família de metodologias de investigação” que compreendem a ação “(ou mudança)” e a investigação “(ou compreensão)”, que ao mesmo tempo utiliza um processo cíclico, “porque a investigação envolve uma espiral de ciclos, nos quais as descobertas iniciais geram possibilidades de mudança” (Cortesão, 1998, citado por Coutinho et. al., 2009, p. 362), intercalando entre a ação (prática) e a reflexão crítica (teoria).

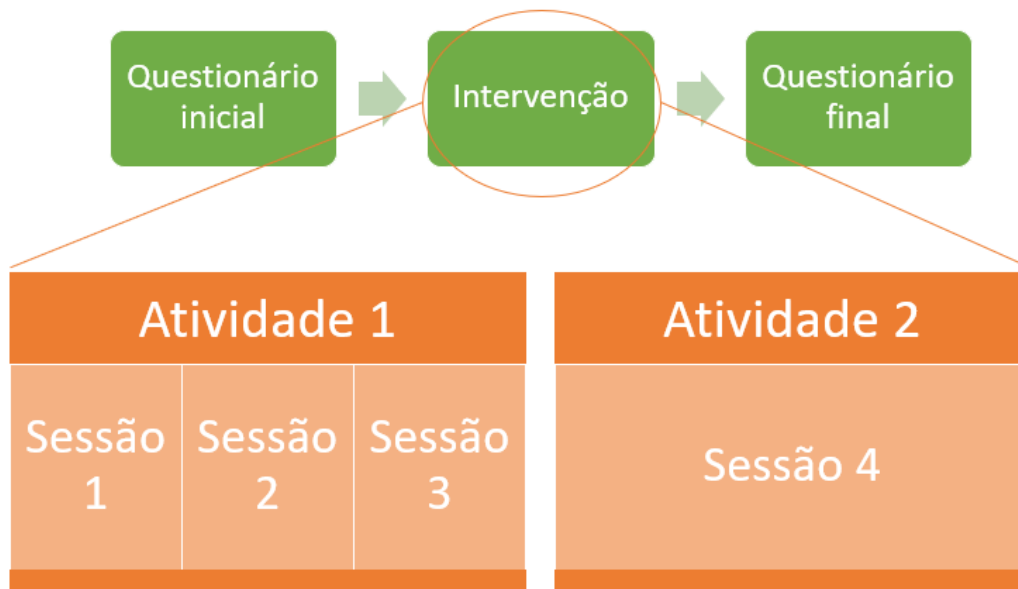
Lomax (1998, citado por Coutinho et. al., 2009, p. 360) define a investigação-ação como “uma intervenção na prática profissional com a intenção de proporcionar uma melhoria”. Por sua vez, Bartolomé (1986, citado por Coutinho et. al., 2009, p. 360), que define como “um processo reflexivo que vincula dinamicamente a investigação, a acção e a formação, realizada por profissionais das ciências sociais, acerca da sua prática”.

O presente estudo tem uma natureza qualitativa, recorrendo-se pontualmente a dados quantitativos para sustentar a análise apresentada. A análise qualitativa provém da investigação qualitativa. Este tipo de investigação pode também ser conhecido como estudo de campo, sendo que é “um estudo que se define a natureza (origem) da pesquisa, onde é necessário ter uma dúvida, um questionamento, uma pergunta (...)”, na qual se devem perceber dois aspetos “o primeiro, as peculiaridades da pesquisa qualitativa e o segundo, as modalidades dos tipos de investigação” (Junior, 2019, p. 1).

O design do estudo encontra-se sistematizado na Figura 1:

Figura 1

Esquema design do estudo



Como se pode observar, foi aplicado aos alunos um questionário antes da intervenção e outro no final da intervenção. O programa de intervenção envolveu a realização de duas atividades, durante 4 sessões.

3.3. Procedimentos de recolha e tratamento de dados

No presente estudo, foram adotadas como técnicas de recolha de dados a observação participante, a análise documental e o inquérito por questionário. Os instrumentos de recolha de dados utilizados foram: questionário inicial e questionário final, notas de campo, gravações áudio de sessões e fotografias com produções dos alunos.

Antes da intervenção, foi aplicado aos alunos um questionário inicial, que permitiu aferir os conhecimentos prévios que os alunos tinham sobre provérbios, tendo sido efetuado o mesmo procedimento após a implementação do programa de intervenção. Ambos os questionários apresentam perguntas de resposta aberta e fechada. O

questionário inicial (Anexo D) apresenta 5 itens de resposta fechada e 8 itens de resposta aberta. Os itens procuram avaliar: a definição de provérbio; o conhecimento de provérbios; a utilização de provérbios na oralidade; e o interesse em aumentar o número de provérbios conhecidos. O último questionário (Anexo E) tem 5 itens de resposta fechada e 4 itens de resposta aberta, apresentando a mesma estrutura e secções do pré-teste, sendo adicionado 1 item relativo à dificuldade de compreensão dos provérbios trabalhados.

Para o tratamento dos dados recolhidos nos questionários, foi elaborada uma análise estatística descritiva para os itens de resposta fechada e uma análise de conteúdo para os itens de resposta aberta.

As produções dos alunos que foram avaliadas foram: cartaz produzido durante a atividade 1 (sessão 1 e 2); apresentação do cartaz à turma de 4.º ano (atividade 1, sessão 3); investigação desenvolvida sobre provérbio (atividade 2, sessão 4). Os indicadores de avaliação definidos para cada uma das produções são apresentados nas Tabelas 4, 5, e 6.

Para a avaliação dos indicadores, foi utilizada uma escala de 1 a 4, que corresponde a: 1 - Insuficiente, 2 - Suficiente, 3 - Bom e 4 - Muito Bom.

Tabela 4

Grelha de critérios de avaliação do suporte de apresentação

Objetivo	Indicadores de avaliação
a) Exibir qualidade do suporte a ser utilizado.	1) Dispõe da informação estipulada: 1.1) título; 1.2) conto; 1.3) provérbio atribuído; 1.4) explicação clara do provérbio; 2) Apresenta informação sem erros ortográficos; 3) Apresenta a informação organizada; 4) Utiliza letra num tamanho razoável e visível; 5) Revela coerência visual.

Tabela 5

Grelha de critérios de desempenho da apresentação

Objetivo	Indicadores de avaliação
a) Exibir qualidade de apresentação	1. Exibe uma postura corporal adequada;
	2. Projeta a voz;
	3. Apresenta um discurso claro;
	4. Lê o conto pausada e perceptivelmente;
	5. Tem a capacidade de sistematizar a informação apresentada;
	6. Capta a atenção dos colegas.

Tabela 6

Grelha de critérios de avaliação de investigação

Objetivos	Indicadores de avaliação
a) Exibir qualidade na investigação	1. Entrevistaram 2 ou mais pessoas
	2. Conseguiram transcrever a explicação das funcionárias;
	3. Chegaram a uma conclusão clara do significado do provérbio atribuído;
	4. Conseguiram explicar oralmente o provérbio aos colegas.

Durante a intervenção foram retiradas notas de campo, bem como fotografias dos recursos elaborados pelos alunos (Anexos F, G e H). Foram ainda realizadas gravações áudio, que se encontram transcritas nos Anexos F e I, que posteriormente foram alvo de análise de conteúdo.

3.4. Caracterização do contexto e dos participantes

O estudo empírico reportado neste estudo foi desenvolvido numa escola privada na área da Grande Lisboa, num socioeconómico que se pode caracterizar como médio-alto.

A turma contém 25 alunos, 11 do 1.º ano, 3 do 2.º ano e 11 do 4.º ano de escolaridade - caracterizando-se como mista. Os alunos apresentam idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos, sendo 14 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. A sala onde foi realizada a intervenção demonstra-se dividida em 5 grupos, de 4 a 5 elementos.

O professor cooperante segue o Movimento da Escola Moderna (MEM). Neste âmbito, o professor faz questão de inculcar autonomia e responsabilidade nos alunos, através da realização de Tempo de Trabalho Autónomo (TTA) quatro vezes por semana, no qual os alunos autonomamente evoluem a sua aprendizagem, através da elaboração de trabalhos de projeto individual ou em grupo sobre variadíssimos temas. Como já especificado na primeira parte deste trabalho (secção 1.2.), é possível caracterizar o grupo de turma como autónomo, responsável e com uma excelente facilidade de aprendizagem. Devido ao método utilizado, os alunos sabem cooperar e trabalhar em pares/grupo e têm uma grande capacidade em expressão oral - podendo ser caracterizados como determinados e resolutos.

Os alunos apresentam igualmente habilidades na construção de suportes de apresentação oral, tanto físicos como tecnológicos, demonstrando assim a sua criatividade e enorme aptidão de navegação e manipulação das tecnologias, bem como consequentemente investigação de informação.

3.5. Plano e descrição da intervenção

O programa de intervenção foi aplicado durante 4 sessões, tal como apresenta na Tabela 7.

Tabela 7

Plano da intervenção

Atividade 1	Liga o conto ao provérbio	Sessão 1: resolução da tarefa
		Sessão 2: elaboração de cartazes
		Sessão 3: apresentação dos cartazes
Atividade 2	Investiga o significado do provérbio	Sessão 4: entrevista às funcionárias da escola e apresentação de resultados

Todas as atividades foram desenvolvidas em pequenos grupos de 4 a 5 elementos. Ao todo, foram formados 5 grupos: 2 de 5 elementos e 3 de 4 elementos. A composição dos grupos foi feita tendo em consideração os grupos das mesas já formados. A composição dos grupos é apresentada na Tabela 8:

Tabela 8

Discriminação dos anos de escolaridade incluídos nos grupos

Grupo 1	1.º ano: 1 aluno 4.º ano: 3 alunos
Grupo 2	1.º ano: 1 aluno 2.º ano: 1 aluno 4.º ano: 2 alunos
Grupo 3	1.º ano: 3 alunos 2.º ano: 1 aluno 4.º ano: 1 aluno

Grupo 4	1.º ano: 4 alunos 4.º ano: 1 aluno
Grupo 5	1.º ano: 1 aluno 2.º ano: 1 aluno 4.º ano: 3 alunos

A primeira atividade concretizada tinha como título: Liga o conto ao provérbio, que consistia na correspondência de um provérbio a um conto. Foram utilizados cinco contos (O Leão e o Ratinho, O cão glutão, O Rato do Campo e o Rato da Cidade, Caracóis de Ouro e os três ursinhos, A Lebre e a Tartaruga. Retirados de: As Histórias da Joanelha, Projeto: Carlo Alberto Michelinie - apresentados no Anexo J) e cinco provérbios (*Amor com amor se paga, Quem tudo quer tudo perde, O seguro morreu de velho, A curiosidade matou o gato e Devagar se vai longe*), um para cada grupo.

Na primeira sessão, foram distribuídos os contos e os provérbios pelos grupos, sendo que a cada grupo foram atribuídos um conto e uma folha com os cinco provérbios - os cinco provérbios eram iguais para todos os grupos. Posteriormente, após a leitura dos contos e dos cinco provérbios, os alunos tinham de interpretar o conto e cada provérbio, fazendo corresponder o provérbio mais adequado ao conto que lhes foi atribuído.

Na segunda sessão, surgiu a ideia de os alunos fazerem uma apresentação do trabalho elaborado nesta sessão à turma do 4º ano. Os alunos tiveram então a sessão para elaborar cartazes de apresentação da atividade concretizada anteriormente (Anexo G). Os cartazes tinham de incluir um título, o conto, o provérbio correspondente e uma breve explicação do provérbio. Após a conclusão da elaboração do cartaz, os alunos também tiveram oportunidade de treinar a sua apresentação, sendo que foi discutido o que seria pertinente apresentar. Chegou-se à conclusão de que se deveria ler o conto, apresentar o provérbio, explicar o significado do provérbio e justificar a correspondência estabelecida entre conto e provérbio.

Na terceira sessão, foi então realizada a apresentação dos cartazes à turma do 4º ano. A estagiária deu a possibilidade de os alunos definirem a ordem das apresentações.

Ficou combinado que só ia um grupo de cada vez apresentar à sala do 4.º ano. Enquanto os colegas se encontravam a apresentar na sala do 4.º ano, os restantes aguardavam a sua vez na sala com a professora de apoio e outra estagiária e realizavam TTA.

Para a Atividade 2 (Investiga o significado), os alunos tiveram uma sessão inteira para investigar o significado de um novo provérbio atribuído ao seu grupo, sendo que a composição do grupo permaneceu igual à atividade anterior. A regra era que não podiam utilizar as tecnologias, pelo que tinham de entrevistar as funcionárias da escola e transcrever o que foi dito. Para a concretização desta atividade, a estagiária acompanhou individualmente cada grupo indo ao encontro das funcionárias. Enquanto isto, a restante turma encontrava-se em sala de aula, a realizar TTA, com a professora de apoio e colega de estágio. No final, cada grupo apresentou à turma a informação recolhida e uma pequena explicação do significado do seu provérbio. Para esta sessão, os recursos utilizados foram uma ficha guia para a entrevista (Anexo H).

4. Análise e discussão dos resultados

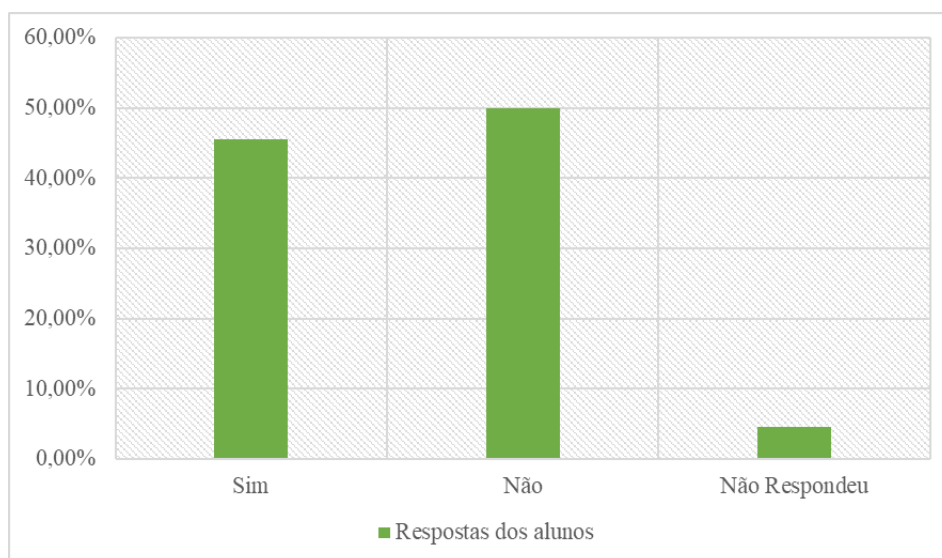
4.1. Resultados do questionário inicial

De forma a identificar o conhecimento prévio que os alunos tinham sobre os provérbios, foi realizado um questionário inicial (cf. Anexo D). Responderam a este questionário inicial 22 alunos (2 alunos não quiseram fazer parte do estudo² e 1 aluno faltou no dia de aplicação do questionário inicial).

Relativamente à Questão 1 (Sabes o que é um provérbio?), é possível verificar que 45,45% dos alunos afirmaram saber o que é um provérbio e podemos verificar ainda que 50% dos alunos não sabem o que é um provérbio (cf. Figura 2).

Figura 2 - Inquérito inicial

Questão 1: Sabes o que é um provérbio?



² A estagiária propôs a escolha entre participar nos questionários ou realizar os projetos da escola em curso. Um aluno de 1º ano e outro de 4º ano preferiram realizar os seus trabalhos escolares, não tendo participado nesta atividade.

Dos alunos que responderam *sim* à Questão 1, 20% não responderam à questão seguinte “1.1. Se respondeste SIM, explica por palavras tuas o que é um provérbio?”. Os alunos que responderam a esta questão (cf. Anexo K), apresentam para a definição de provérbio, essencialmente duas dimensões: (i) uma caracterização do tipo de estrutura (gramatical) envolvida; (ii) a dimensão temporal associada aos provérbios.

No que diz respeito à estrutura envolvida, os alunos referem que são expressões, frases ou palavras:

- (1) “São **espreções**” [A22, 4.º ano]
- (2) “É uma **frase** que explica alguma coisa” [A14, 4.º ano]
- (3) “são **palavras** antigas” [A1, 1.º ano]

Um dos alunos, não identificando a estrutura em causa, utiliza a palavra *coisa*:

- (4) “Um provérbio é uma **coisa** que nos identifica” [A19, 4.º ano]

Para a caracterização do conceito de provérbio, os alunos destacam ainda dimensão temporal, expressando o tempo de origem dos provérbios:

- (5) “são palavras **antigas**” [A1, 1.º ano]
- (6) “Uma expressão **do tempo dos reis**” [A17, 4.º ano]

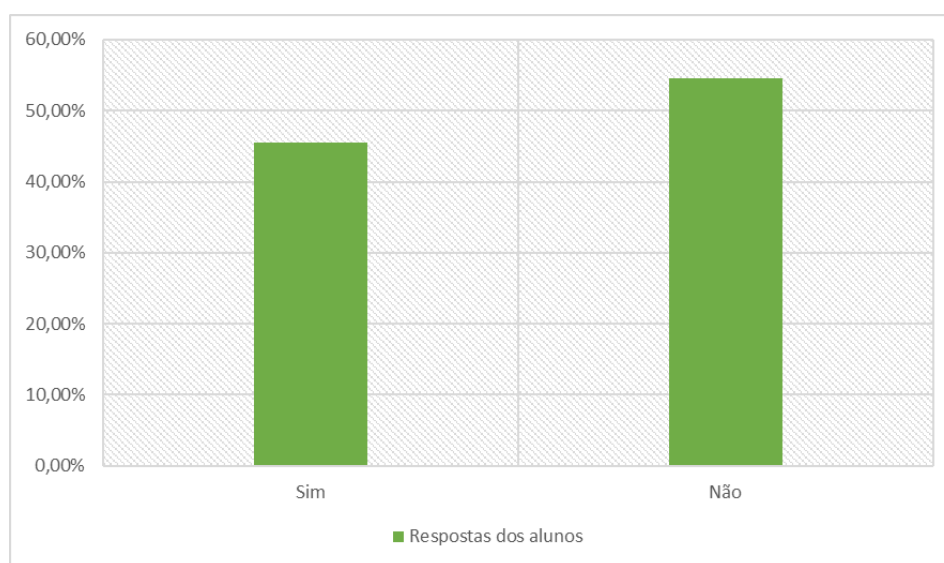
Um dos alunos faz ainda referência às dimensões histórica e social dos provérbios, remetendo para a ideia de identificação:

- (7) “Um provérbio é uma coisa **que nos identifica**” [A19, 4.º ano]

Na Questão 2 (Conheces algum provérbio?), 54,55% dos alunos referem não conhecer provérbios.

Figura 3 - Inquérito inicial

Questão 2: Conheces algum provérbio?



Na Questão 2.1 (Se SIM indica: a) Um ou mais provérbios que conheças), a maior parte deles mencionou o provérbio “Quem foi ao ar perdeu o lugar”, como é possível verificar no Anexo K, correspondendo a 70%.

É de destacar neste contexto que nos exemplos apresentados pelos alunos surgem casos de expressões idiomáticas, em vez de provérbios. Tal é o caso, por exemplo, do exemplo apresentado em (8).

(8) Estamos a nadar na maionese

Neste caso, podemos alterar a frase, flexionando o verbo noutra pessoa/número, o que comprova que não estamos na presença de um provérbio, mas sim de uma expressão idiomática.

(9) Estou/Estás/Estamos a navegar na maionese.

Outro dos alunos, também comete este equívoco, apresentando expressões idiomáticas em vez de provérbios utilizaram:

(10) “**Pôr a carroça à frente dos bois, Ter mais olhos que barriga, Quem diz é quem é.**” [A14, 4.º ano].

Para além do provérbio “Quem vai ao ar perde o lugar” somente foram apresentados mais dois provérbios pelos alunos:

(11) “**Água mole em pedra dura tanto bate até que fura**” [A22, 4.º ano]

(12) “**Quem conta um conto acrescenta um ponto**” [A16, 4.º ano].

Na Questão 2.1 (Se SIM indica: b) Quem te ensinou os provérbios que conheces?), constatamos que a transmissão deste conhecimento se faz essencialmente pela via familiar e amigos e ainda pela transmissão popular, como podemos verificar através das respostas dos alunos:

(13) “a minha **família** (principalmente)” [A17, 4.º ano]

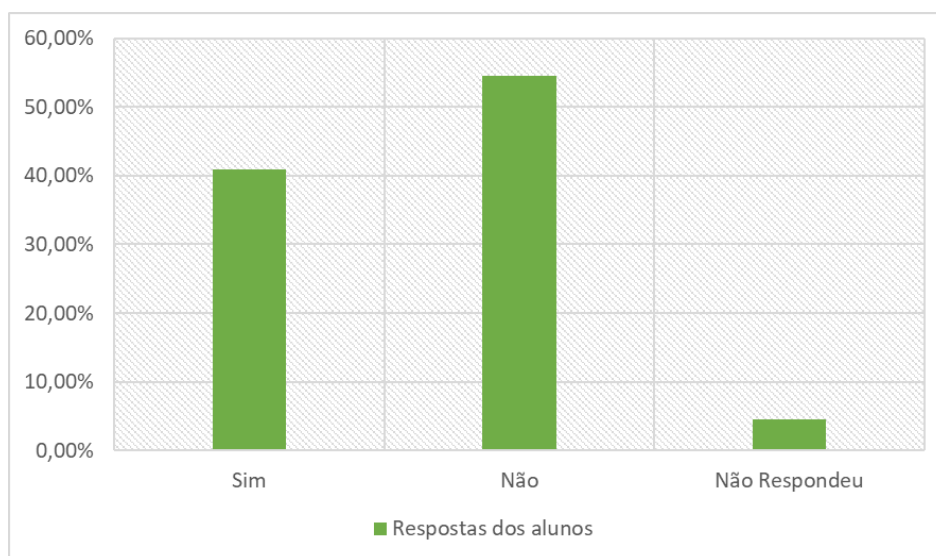
(14) “**Avó, mãe, televisão, pai e primo.**” [A12, 2.º ano]

(15) “Foram os meus **pais** e também **ouvi falar.**” [A22, 4.º ano].

Mais de metade da amostra reconhece que não utiliza provérbios quando fala (cf. Figura 4).

Figura 4 - Inquérito inicial

Questão 3: Usas provérbios quando falas?



Na pergunta 3.2 (Se respondeste NÃO, indica por que razão não os usas.), os alunos indicam que a razão pela qual não os utilizam é o desconhecimento:

(16) “**Não conheço.**” [A8, 1.º ano]

(17) “Porque **não sei** dizer provérbios.” [A3, 1.º ano]

Os que responderam que utilizam provérbios (40,91%) afirmam que os pronunciam maioritariamente em casa, com a família e na escola, com os amigos (cf. Anexo K). Alguns dos alunos chegaram a dar exemplos de quando pronunciam expressões proverbiais:

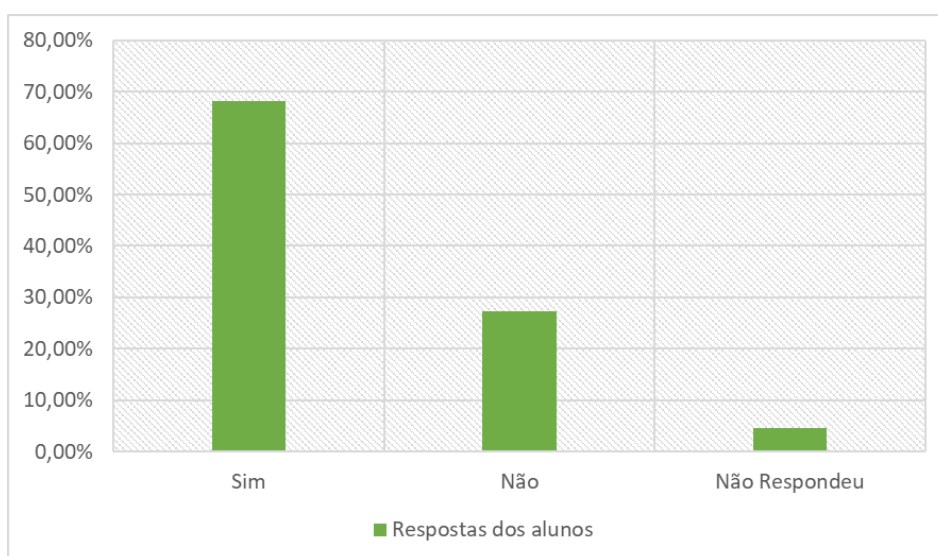
(18) “Eu e os meus primos estávamos a brincar e a construir cabanas e precisávamos de molas e o meu primo não queria pedir molas então eu disse que **quem não arrisca não petisca.**” [A12, 2º ano]

(19) “Passaram-me a frente só que foram buscar uma coisa eu digo: **Quem vai ao ar perde o lugar.**”. [A18, 4º ano]

Na Questão 4 (Conheces alguém que utilize provérbios?) 68,18 referem que conhece pessoas que utilizam provérbios na expressão oral (Figura 5). Os alunos aludem esta questão dando como exemplo os familiares, os amigos ou os professores/estagiários.

Figura 5 - Inquérito inicial

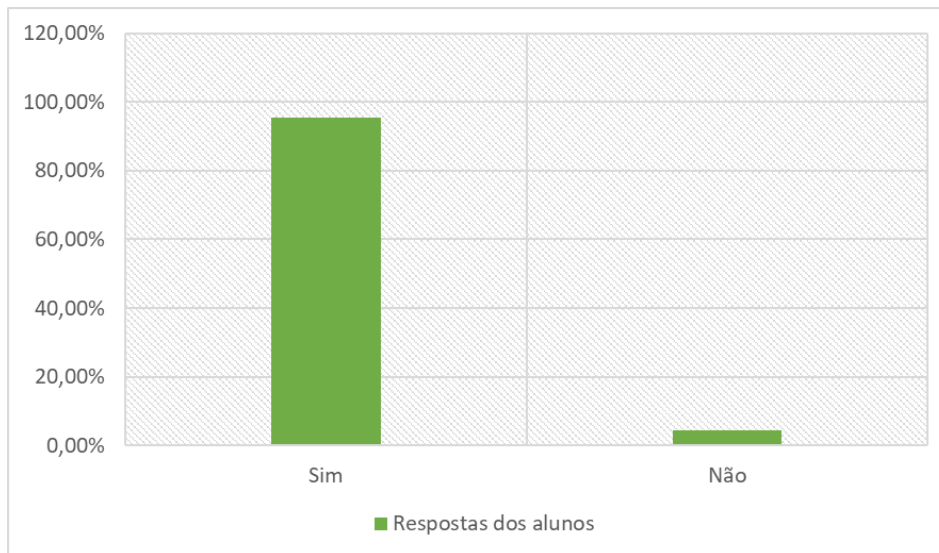
Questão 4: Conheces alguém que utilize provérbios?



Na resposta à Questão 5 (Gostarias de conhecer (mais) provérbios?), 95,45% mostram interesse em aumentar o seu conhecimento desta temática, como é observável na figura 6 e no Anexo K.

Figura 6 - Inquérito inicial

Questão 5: Gostarias de conhecer (mais) provérbios?



Algumas das justificações apresentadas no exercício 5.1 (Justifica a tua resposta) são:

- (20) “Porque **gosto de saber**” [A10, 1.º ano]
- (21) “Eu gosto de conhecer provérbios poque **é uma forma engraçada de comonicar.**” [A12, 2.º ano]
- (22) “Gostava de saber mais porque **gostava de usar**” [A16, 4.º ano]

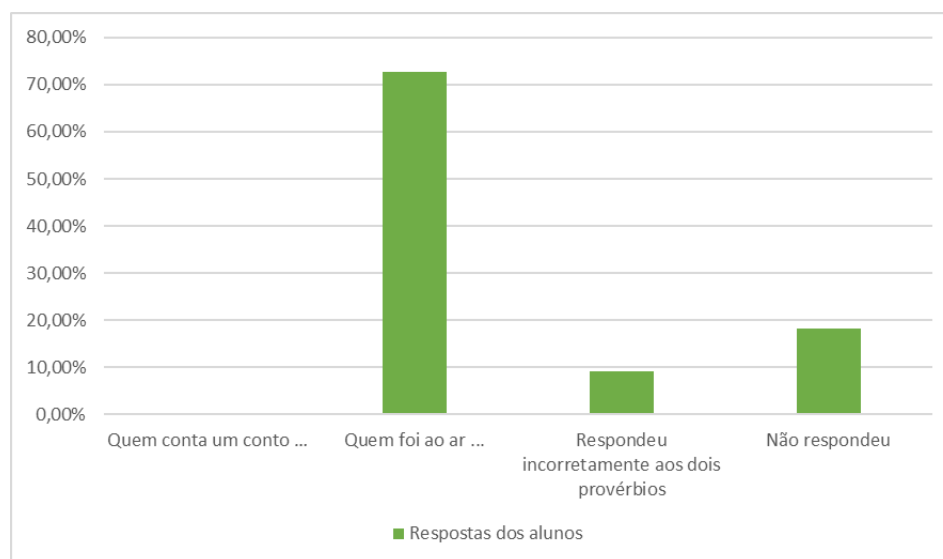
O aluno de 4º ano que respondeu que não queria conhecer mais provérbios justificou-se com o facto de não gostar de provérbios.

Na Questão 6 (Completa: Quem conta um conto... / Quem foi ao ar...), os alunos tinham de terminar os dois provérbios mencionados. Como já se tinha analisado na pergunta 2.1, os alunos já conheciam o segundo provérbio. Assim, 72,73% responderam corretamente somente ao segundo provérbio (Quem foi ao ar perdeu o lugar), e nenhum aluno respondeu corretamente ao provérbio *Quem conta um conto, acrescenta um ponto*,

tal como observável no Anexo K. Responderam incorretamente aos dois provérbios 9,09% e 18,18% não respondeu a esta questão.

Figura 7 - Inquérito inicial

Questão 6: Completa: *Quem conta um conto... / Quem foi ao ar ...*



De um modo geral, é possível verificar que os alunos não detêm grandes conhecimentos acerca dos provérbios, sendo que muitos deles confundem as expressões idiomáticas com as expressões proverbiais. Tal como Barros (2010) refere tal deve-se à “ausência de conceituações teóricas claras, coerentes e livres de contradições nos prefácios ou introduções de obras especiais sobre expressões idiomáticas (EIs), provérbios” (p. 331).

4.2. Resultados da Atividade 1

Como referido na secção 3.5, a Atividade 1 foi realizada durante 3 sessões. Na sessão 1 os alunos realizaram uma tarefa que envolvia a associação de um provérbio a um conto. Na sessão 2 foram elaborados cartazes que apresentavam o conto, o provérbio e uma explicação do provérbio. Na sessão 3 foi realizada uma apresentação destes cartazes a uma turma do 4.º ano. A turma dividiu-se em grupos de 4 a 5 elementos para concretizar as tarefas. Todos os grupos incluíam pelo menos 2 anos de escolaridade diferentes. A localização dos lugares dos alunos foi a estratégia utilizada para determinar a formação dos grupos. Na Tabela 8 é possível verificar os anos de escolaridade inseridos nos diferentes grupos:

Tabela 8

Discriminação dos anos de escolaridade incluídos nos grupos

Grupo 1	1.º ano: 1 aluno 4.º ano: 3 alunos
Grupo 2	1.º ano: 1 aluno 2.º ano: 1 aluno 4.º ano: 2 alunos
Grupo 3	1.º ano: 3 alunos 2.º ano: 1 aluno 4.º ano: 1 aluno
Grupo 4	1.º ano: 4 alunos 4.º ano: 1 aluno
Grupo 5	1.º ano: 1 aluno 2.º ano: 1 aluno 4.º ano: 3 alunos

Na sessão 1, os grupos tinham um conto atribuído (referido na secção 3.5. Cf. Anexo J) e uma folha com 5 provérbios (os 5 provérbios eram iguais para todos os grupos). Nesta tarefa, todos os grupos conseguiram corresponder corretamente os

provérbios mais adequados ao conto, à exceção do grupo do conto “O Rato do Campo e o Rato da Cidade”, que, ao invés de selecionar o provérbio *O seguro morreu de velho*, selecionou o provérbio *Quem tudo quer tudo perde*.

A estagiária fez uma reflexão com os alunos, de modo a que estes chegassem à conclusão de qual o provérbio que melhor se adequava ao conto atribuído. É de se ter em consideração que o provérbio primeiramente selecionado pelo grupo não estava completamente incorreto, no entanto, a turma sabia que cada conto só poderia ter um provérbio, pelo que a expressão proverbial inicialmente escolhida se adequava melhor ao conto “O cão glutão”, pelo que, durante a partilha com a turma, o grupo soube logo qual o provérbio mais indicado para relatar a moral da história.

Na sessão 2, foi pedido aos alunos que elaborassem um cartaz de apresentação, do provérbio que lhes calhou, aos colegas da turma do 4.º ano. O cartaz devia incluir: o título, o conto, o provérbio e uma pequena explicação do provérbio. Durante esta sessão, os alunos também eram aconselhados a treinar a sua apresentação. Foi pedido pela estagiária que todos os grupos organizassem a sua apresentação de maneira a que todos os elementos pudessem participar na apresentação.

Para a avaliação do cartaz produzido, foram utilizados indicadores que incidem quer no conteúdo textual, quer no conteúdo gráfico do cartaz, como se pode observar na Tabela 10, apresentada na secção 3.3.

Tendo em conta os indicadores de avaliação, a avaliação será feita a partir de uma escala entre 1 e 4, em que 1 é Insuficiente, 2 é Suficiente, 3 é Bom e 4 é Muito Bom. As avaliações dos suportes de apresentação serão apresentadas na tabela seguinte:

Tabela 9*Avaliação dos suportes de apresentação*

Descritor		Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
1) Dispõe da informação estipulada:	1.1) título;	4	4	4	4	4
	1.2) conto;	4	4	4	4	4
	1.3) provérbio atribuído;	4	4	4	4	4
	1.4) explicação clara do provérbio;	2	4	3	4	2
2) Apresenta informação sem erros ortográficos;		4	3	4	1	4
3) Apresenta a informação organizada;		4	4	4	2	2
4) Utiliza letra num tamanho razoável e visível;		3	3	3	3	1
5) Revela coerência visual.		4	4	2	2	2

Para o indicador de avaliação 1.4) explicação clara do provérbio, é necessário analisar mais pormenorizadamente de maneira a ser possível interpretar a capacidade de compreensão da leitura dos contos e dos provérbios de cada grupo.

Os grupos seguiram duas estratégias diferentes para explicar o seu provérbio: 2 grupos recorreram à narrativa do poema para explicar o provérbio, enquanto 3 grupos apresentaram uma explicação mais abstrata do conto, não remetendo para o conto apresentado.

Dando como exemplos o recorrer à narrativa do conto, para explicar o provérbio:

O seguro morreu de velho, para o conto de O Rato do Campo e o Rato da Cidade:

- (23) “Achamos que o provérbio é “o seguro morreu de velho” **porque o rato do campo não queria viver na cidade porque achava muito perigoso e achava que se ele fosse lá viver, ia morrer de perigo, e se vive-se no campo ia morrer de velhice.**” [Grupo 2]

Amor com amor se paga, para o conto de O Leão e o ratinho:

- (24) “**Porque neste conto o leão não mata o ratinho, e o ratinho salva o leão**” [Grupo 5]

Os grupos que apresentaram uma explicação de uma forma mais abstrata, sem remeter ao conto foram:

A curiosidade matou o gato, do conto Caracóis de Ouro e os ursinhos:

- (25) “**Às vezes a curiosidade corre mal. Ex: Quando uma pessoa se mete onde não é chamada pode correr mal**” [Grupo 1]

Devagar se vai longe, do conto A Lebre e a Tartaruga:

- (26) “**Quando se faz as coisas bem quer dizer que estás a fazer com tempo e com calma quando se faz as coisas mal quer dizer que estás sem tempo e a fazer muito rápido.**” [Grupo 3]

Quem tudo quer tudo perde, do conto O cão glutão:

(27) “é melhor ter pouco do que nada.” e “devemos ficar satisfitos com o que temos”. [Grupo 4]

Para a terceira sessão, foram realizadas as apresentações dos cartazes à turma do 4.º ano. A apresentação de cada grupo demorou mais tempo do que o previsto, pelo que só se realizaram três apresentações. Este aumento do tempo deveu-se à atividade realizada pela professora da turma do 4.º ano. Após a apresentação de cada grupo, a professora ia pedindo aos alunos que identificassem outros provérbios que se pudessem associar ao conto para além dos mencionados pelo grupo, seguidos de uma justificação. Todos os provérbios mencionados eram anotados no quadro (observar Anexo L).

Para a avaliação da apresentação, teve-se em conta os descritores de avaliação presentes na secção 3.5. De modo a poder avaliar-se a prestação feita por cada grupo, será utilizada a mesma escala anteriormente referida (1 - Insuficiente, 2 - Suficiente, 3 - Bom e 4 - Muito Bom). “Caracóis de Ouro e os ursinhos” (Grupo 1), “O cão glutão” (Grupo 4) e “O Leão e o Ratinho” (Grupo 5) foram os contos apresentados aos colegas de 4.º ano. As avaliações dos grupos estão apresentadas na seguinte tabela:

Tabela 10

Avaliação das apresentações

Descritor	Grupo 1	Grupo 4	Grupo 5
1. Exibe uma postura corporal adequada;	4	3	2
2. Projeta a voz;	3	3	4

3. Apresenta um discurso claro;	3	3	4
4. Lê o conto pausada e perceptivelmente;	4	2	3
5. Tem a capacidade de sistematizar a informação apresentada;	3	3	3
6. Capta a atenção dos colegas.	4	4	4

Os resultados obtidos foram muito positivos, o que decorre naturalmente da prática que os alunos têm com a realização de apresentações, a expressar-se oralmente e conseqüente a expor-se perante um público, tanto os alunos mais novos (1.º ano e 2.º anos), como os mais velhos (4.º ano).³

De um modo geral, pode afirmar-se que todas as atividades decorreram de acordo com o planificado, tendo os alunos aderido de imediato e participado com empenho e entusiasmo.

Um aspeto a melhorar seria a divisão prévia dos grupos. Esta não foi a mais favorável, devia ter-se tido em consideração a questão do ano de escolaridade na formação dos grupos, ao invés da localização dos lugares em que os alunos se situavam. Como todas as semanas os alunos escolhem lugares novos, foi utilizada esta estratégia,

³ Houve um episódio muito interessante durante a apresentação do Grupo 4, onde o colega do 4.º ano, encarregue de justificar a correspondência do provérbio ao conto, não se estava a conseguir explicar e um dos alunos do 1.º ano deu um passo à frente e explicou corretamente o provérbio recorrendo à narrativa do conto.

de modo a facilitar a movimentação na sala e evitar a desordem. No entanto, dois dos grupos acabaram por ficar com desafios maiores perante a realização das atividades.

A constituição dos grupos, está apresentada na Tabela 9, sendo que para a constituição ideal deveria haver equilíbrio na divisão homogénea de alunos do mesmo ano em cada grupo. Neste caso seria ideal colocar dois alunos de 4.º ano em cada grupo de trabalho (sendo que da amostra total, 10 frequentam o 4.º ano).

4.3. Resultados da Atividade 2

Na atividade 2, foram primeiramente distribuídos os provérbios pelos grupos. Esta distribuição apresenta-se na tabela seguinte:

Tabela 11

Novos provérbios atribuídos aos grupos

Grupo 1	De grão a grão enche a galinha o papo
Grupo 2	Quem não tem cão caça com gato
Grupo 3	A galinha da vizinha é melhor do que a minha
Grupo 4	Cada macaco no seu galho
Grupo 5	Filho de peixe sabe nadar

Nesta sessão, os alunos entrevistaram as funcionárias da escola, perguntando o significado do provérbio atribuído a cada grupo. No final das entrevistas, os grupos apresentaram os resultados obtidos e deram a sua explicação do provérbio, bem como a associação a um dos contos trabalhados anteriormente.

Para fazer a avaliação do trabalho desenvolvido nesta atividade, foram definidos os indicadores apresentados na Tabela 12. Para a avaliação de cada indicador, foi adotada uma escala de avaliação (1 - Insuficiente, 2 - Suficiente, 3 - Bom e 4 - Muito Bom).

Tabela 12

Avaliação dos suportes de investigação

Descriptor	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4	Grupo 5
1. Entrevistaram 2 ou mais pessoas	4	3	3	3	4
2. Conseguiram transcrever a explicação das funcionárias;	4	4	3	3	4
3. Chegaram a uma conclusão clara do significado do provérbio atribuído;	4	4	1	4	4
4. Conseguiram explicar oralmente o provérbio aos colegas.	4	4	2	2	4

Para o indicador de desempenho: 3. Chegaram a uma conclusão clara do significado do provérbio atribuído, é necessária uma análise mais pormenorizada para ser

possível compreender a capacidade de resumo da compreensão do escutado e da própria interpretação do provérbio.

O Grupo 1 explicou o seu provérbio (*De grão a grão enche a galinha o papo*) da seguinte forma: “Nós achamos que o significado da frase De grão a grão enche a galinha ao papo significa que aos poucos se vai loge e que se formos devagar conseguimos atingir o nosso objetivo.”. Este grupo conseguiu explicar de uma forma simples e direta o significado inferencial do provérbio. Sendo que foi ainda associado ao conto “A Lebre e a Tartaruga”: “Devagarinho a tartaruga conseguiu chegar à meta” [2.º ano] (cf. Anexo I).

O Grupo 2 interpretou o seu provérbio (*Quem não tem cão caça com gato*) da seguinte maneira: “o significado deste provérbio é que às vezes, quando as pessoas não têm certas coisas, usam outras coisas para fazer o “trabalho” das coisas que eles não têm.”. O grupo ao utilizar eficientemente a informação retirada da entrevista, conseguiu elaborar uma interpretação correta do provérbio, ainda que necessitasse de ajustes, a estagiária ajudou a interpretar o provérbio: “ter a capacidade de se desenrascar” (cf Anexo I). A este provérbio não havia nenhum conto que se pudesse associar.

Para o provérbio: *A galinha da vizinha é melhor do que a minha*, o Grupo 3 chegou à seguinte conclusão: “O significado deste provérbio é que as coisas dos outros às vezes são melhores do que as nossas”. O exemplo dado para explicar o significado deste provérbio não é o mais correto, partindo da explicação dada na apresentação do grupo, o pensamento do mesmo ficou “fixado” no exemplo dado pela primeira funcionária entrevistada (“Damos mais valor às coisas dos outros do que as nosas. Ex: **A comida da nossa mãe as vezes e pior do que a dos outros.**”). Pode considerar-se, então, que o grupo não compreendeu de forma integral a explicação da funcionária. No entanto, o grupo e a turma, acabaram por perceber o significado do provérbio através da associação feita por uma aluna com o conto “O cão glutão”: “Porque ele queria tanto um osso maior que acabou por ficar sem nada.” [1.º ano] (cf Anexo I).

O provérbio do Grupo 4 era: *Cada macaco no seu galho*. O grupo escreveu a seguinte interpretação: “Cada pesoua do seu logare”. Este grupo também conseguiu interpretar corretamente a pouca informação dada (“cada coisa no seu sitio” e “cada um

mu seus postos”), chegando a uma conclusão simples e objetiva do significado do provérbio. A este provérbio foi relacionado com dois contos: O Rato do Campo e o Rato da Cidade - “Há vários tipos de ratos. O rato foi para o campo e evoluiu em relação ao que as coisas do campo lhe davam (comida, terra, animais) e o da cidade evoluiu com as condições que a cidade lhe dava. Então, se os trocarem, sobrevivem muito mal” [4.º ano] - e Caracóis de Ouro e os três ursinhos - “Cada um tem que estar no seu sítio”. [1.º ano] (cf Anexo I).

Por fim, o Grupo 5 ficou atribuído ao provérbio: *Filho de peixe sabe nadar* e chegaram à seguinte conclusão: “O provérbio significa que o filho herda mais-valias dos pais.” (cf Anexo I). Estes alunos conseguiram sintetizar eficazmente todas as informações dadas pelas funcionárias e chegaram a uma conclusão concisa, bem interpretada e muito bem explicada. A este provérbio não se podia relacionar a nenhum dos contos anteriormente trabalhados.

4.4. Resultados do questionário final

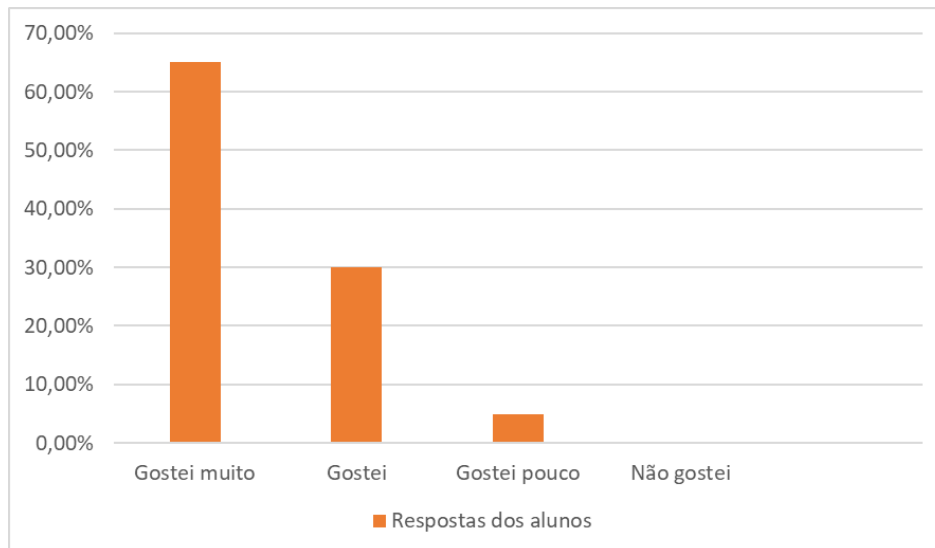
Para concluir o estudo, foi aplicado um questionário final (Anexo E), com questões relacionadas com as atividades realizadas, que pretendia avaliar o conhecimento adquirido pelos discentes e o projeto implementado.

Responderam a este questionário 20 alunos (2 não quiseram fazer parte do estudo e 3 faltaram no dia da recolha de dados final).

A maior parte dos alunos refere ter apreciado bastante o trabalho desenvolvido em sala de aula sobre o tema, como é observável na Figura 8.

Figura 8 - Inquérito final

Questão 1: Gostaste do trabalho que desenvolvemos sobre os provérbios?

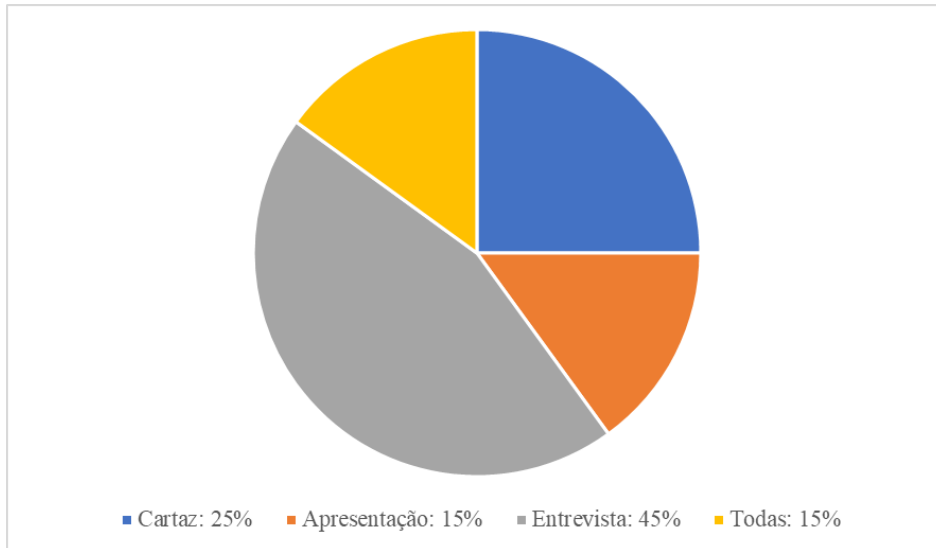


Na Questão 2 (Qual foi a atividade que mais gostaste?), os alunos foram questionados sobre as atividades em que gostaram mais de participar. Tendo sido a atividade de entrevista às funcionárias da escola, acerca do significado dos provérbios, a mais apreciada, como é possível verificar na Figura 9.

Constatou-se ainda que todos os alunos gostaram das atividades propostas, não tendo havido nenhuma resposta de conotação negativa, isto é, nenhum aluno respondeu que não gostou das atividades propostas (Anexo M).

Figura 9 - Inquérito final

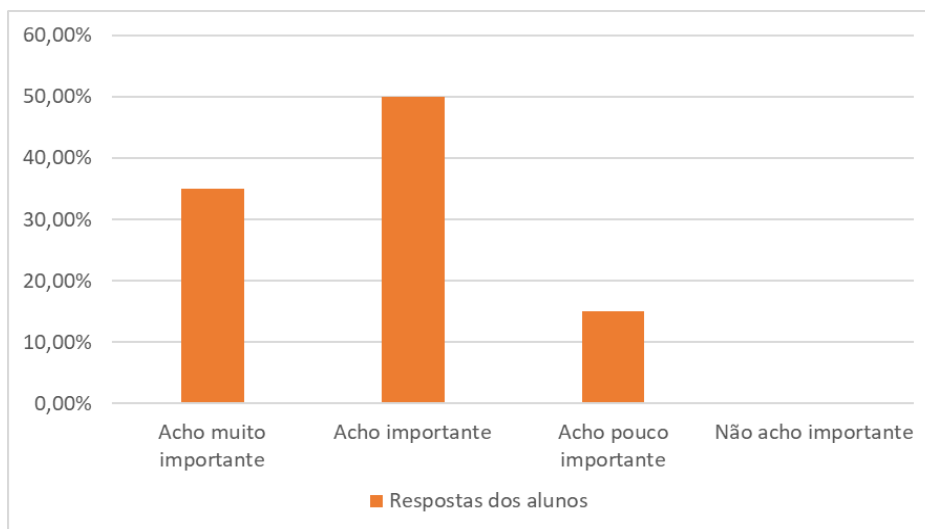
Questão 2: Qual foi a atividade que mais gostaste?



Seguidamente, é perguntada a importância do conhecimento de provérbios (Questão 3: Achas que é importante conhecer provérbios?) e metade da amostra (50%) achou que este conhecimento é de algum modo importante (cf. Figura 10).

Figura 10 - Inquérito final

Questão 3: Achas que é importante conhecer provérbios?



No entanto, muitos não conseguiram justificar a sua resposta (respostas em Anexo M). Contudo, 2 alunos do 4.º ano apresentaram justificações relevantes:

(28) “É uma **“nova forma de falar”**.” [A10, 4.º ano]

(29) “Acho importante conhecer provérbios **porque eles ensinam lições importantes.**”. [A14, 4.º ano]

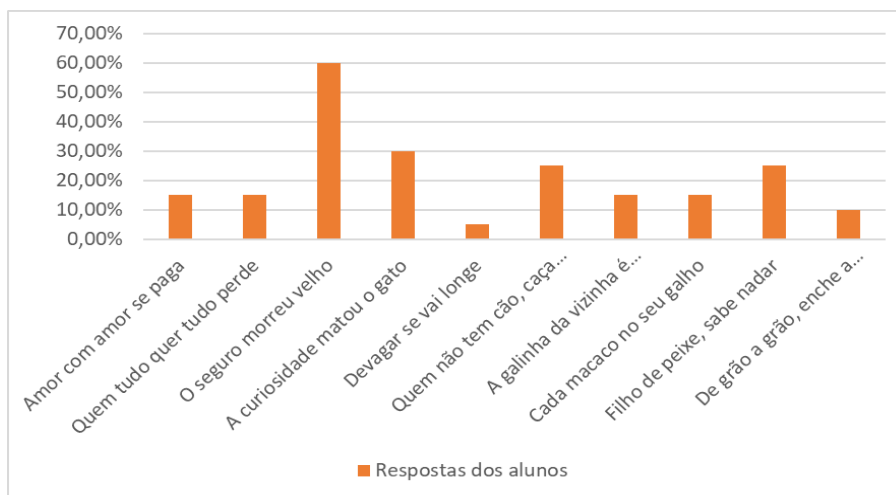
Assim, é possível afirmar que estes alunos demonstraram perceber a definição de provérbio, que como nos é referido por Lopes (1992, p. 11), os provérbios têm a “capacidade de condensar em poucas palavras um significado não trivial”, através da “evocação de uma experiência passada pode ser usada, indirectamente, como um aviso, um conselho ou até uma exortação”.

Os alunos que responderam que o conhecimento de provérbios é pouco importante, justificam afirmando que “... nem sempre temos que os osar.” [A11, 4.º ano] (Anexo M).

A Questão 4 (Assinala com um X o provérbio que foi mais difícil de compreender durante as atividades realizadas). Muitas das crianças participantes neste estudo acharam pelo menos 1 provérbio desafiante.

Figura 11 - Inquérito final

Questão 4: Assinala com um X o provérbio que foi mais difícil de compreender durante as atividades realizadas.



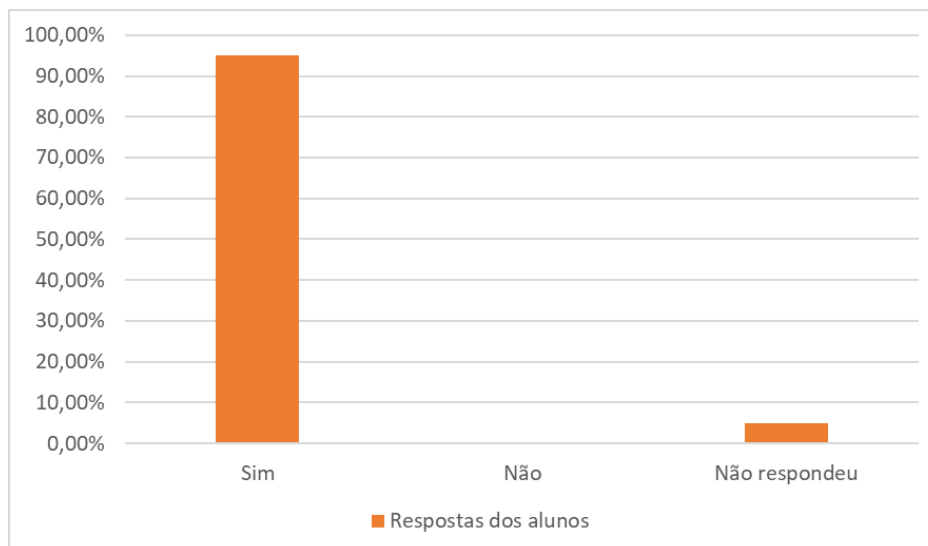
O provérbio considerado mais difícil foi *O seguro morreu velho*, com uma escolha de 60% e o provérbio considerado menos difícil foi *Devagar se vai longe*, com 5% de escolha. Do número total de participantes desta amostra, só 10% é que não achou nenhum provérbio difícil.

Analisando a Figura 12, numa perspetiva geral, verifica-se que todos os alunos demonstraram interesse em continuar o processo de conhecimento de provérbios, pelo que foi questionado, na pergunta 5.1, onde e como poderiam continuar esta sua aprendizagem. Os alunos responderam que é através da pesquisa e investigação, tanto documental como oral (Anexo M):

- (30) “Perguntando aos **pais.**” [A16, 1.º ano]
- (31) “Vou ver a um **livro** de provérbios.” [A1, 2.º ano]
- (32) “Vendo no **gogle.**” [A6, 4.º ano].

Figura 12 - Inquérito final

Questão 5: Gostavas de conhecer mais provérbios?



Para a questão seguinte (Questão 6: Explica por palavras tuas o que é um provérbio?), foi pedida a definição de provérbio (ver Anexo M). Da amostra, 20% não conseguiram responder (sendo estes maioritariamente do 1.º ano) e dos 65% que responderam, 60% apresentaram definições adequadas. Comparativamente à questão elaborada no pré-teste, os alunos demonstram as mesmas linhas de pensamento, em que os provérbios são definidos pela estrutura gramatical, dimensão temporal ou ambas.

Definição de provérbio pela estrutura gramatical:

(33) “É uma **expressão**.” [A9, 4.º ano]

Definição de provérbio pela dimensão temporal:

(34) “São palavras que se são **a muito tempo**” [A2, 2.º ano]

Definição de provérbio pela estrutura gramatical e pela dimensão temporal:

(35) “Uma **expressão antiga**” [A8, 4.º ano]

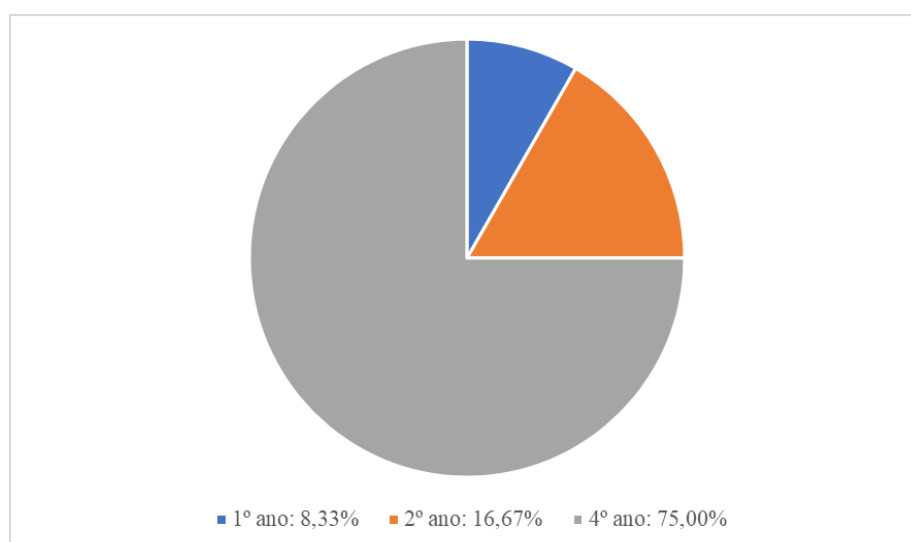
O significado figurativo do provérbio é também mencionado por um dos alunos:

- (36) “Um provérbio é uma frase curta mas que indicam alguma coisa por **ex: grão a grão enche a galinha o papo quer dizer que devagar se vai ao longe.**” [A6, 4.º ano]
- (37) “Um provérbio é uma **forma mais facil de dizer coisas.**” [A11, 4.º ano]
- (38) “São umas frases que figuradas que nos **explicam algo que os nossos atepassados deixaram-nos.**” [A12, 4.º ano]

É possível verificar na Figura 13 que mais de metade dos alunos (75%), que responderam corretamente a esta questão são do 4.º ano de escolaridade. Todavia, também é observável respostas corretas derivadas de alunos do 1.º ano (8,33%) e 2.º ano (16,67%).

Figura 13 - Inquérito final

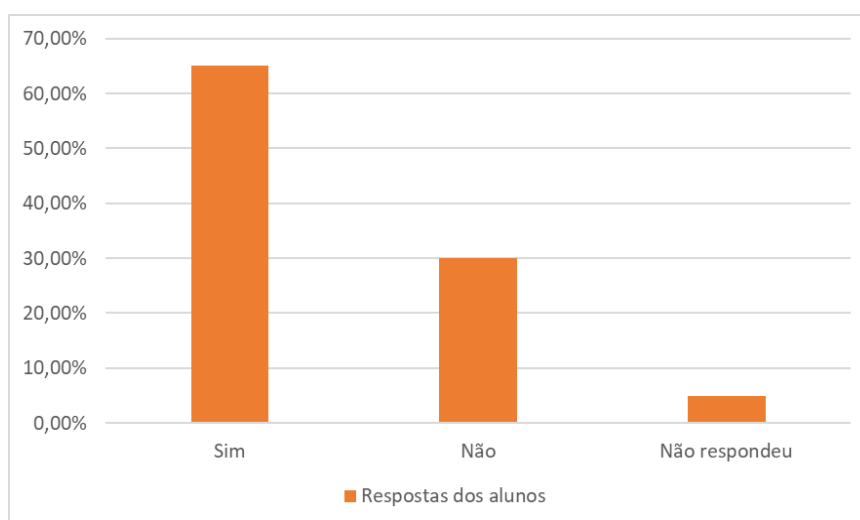
Questão 6: Explica por palavras tuas o que é um provérbio?



Por fim, na Questão 7 (Depois das atividades que realizaste, achas que vais usar mais provérbios?) constatamos que 55% dos alunos referem que irão continuar (ou começar) a utilizar provérbios na expressão oral (cf. Figura 14).

Figura 14 - Inquérito final

Questão 7: Depois das atividades que realizaste, achas que vais usar mais provérbios?



De acordo com o Anexo I, pode concluir-se que os alunos aumentaram os seus conhecimentos no que se refere à compreensão inferencial, no entanto, os resultados do questionário não refletem essa evolução. Inicialmente, a maioria dos alunos respondeu que não sabia nem conhecia provérbios. Relacionando o questionário inicial com o final, pode concluir-se que os alunos tinham conhecimento de frases proverbiais sem ter consciência de que era um provérbio (cf Anexo I e K), continuando sem conseguir definir o conceito de provérbio - em especial os alunos de 1.º ano (cf. Figura 13).

5. Conclusão do estudo empírico

Para o presente estudo empírico, foram definidos os seguintes objetivos: (i) conceber um programa de intervenção que promova a compreensão inferencial de provérbios no 1.º Ciclo; (ii) avaliar o impacto do programa de intervenção no desenvolvimento da compreensão inferencial de provérbios.

Relativamente ao primeiro objetivo, foi concebido um programa de intervenção, que envolveu duas atividades principais, implicando quatro sessões. A primeira atividade realizou-se em três sessões, nas quais os alunos, em pequenos grupos, tiveram de associar contos aos provérbios fornecidos, realizando um cartaz que posteriormente apresentaram à outra turma do 4.º ano da escola, explicando a associação do conto ao provérbio. Na segunda atividade, os grupos trabalharam um provérbio novo, entrevistando as funcionárias da escola, de modo a concluírem o significado do novo provérbio.

No que diz respeito ao segundo objetivo, pode concluir-se que o conhecimento dos alunos sobre o conceito de provérbio progrediu: inicialmente, no pré-teste, 34,81% dos alunos apresentaram definições adequadas para este conceito e no questionário final 60% definiram o conceito de provérbio adequadamente.

Tendo ainda em consideração os resultados do estudo realizado, é possível concluir que a maioria dos alunos percebeu a diferença entre compreensão literal e compreensão inferencial, conseguindo aplicar expressões proverbiais em diferentes contextos, como é observável no exemplo seguinte, em que tinham de explicar o sentido do provérbio *Quem não tem cão caça com gato*:

(39) “**Não tenho colher de chá uso uma colher de café**”. [2.º ano]

(40) “**Quero cortar esta cartolina, mas não tenho tesoura, corto com um x-ato**”.
[4.º ano]

Tendo em consideração que o processo de desenvolvimento de compreensão inferencial é naturalmente moroso, uma vez que a interpretação envolve a ativação de mecanismos inferenciais (Lopes, 1992), é de salientar o impacto positivo do programa de intervenção desenvolvido neste estudo, envolvendo a interpretação de provérbios que se

refletiu no progresso de capacidades inferenciais nos alunos de 1.º Ciclo.

“Enquanto texto mínimo, o provérbio é fundamentalmente um objecto verbal, e como tal deve ser analisado.” (Lopes, 1992, p.348). A forma como os alunos percecionam os significados de sentido literal e sentido figurado não é simultânea, “exige que se estabeleça uma distinção prévia entre significado e interpretação de um enunciado linguístico” (Lopes, 1992, p.348).

Como referido anteriormente, se o significado é apreendido através da competência linguística, já a interpretação envolve a ativação de mecanismos inferenciais. Por essa razão, os provérbios mantêm-se perenes e objetivos na sua função significativa, mantendo uma interpretação consensual com um grande potencial informativo (Lopes, 1992).

Conclui-se assim que os provérbios são uma excelente ferramenta de trabalho para o desenvolvimento da compreensão inferencial dos alunos e para a diferenciação da compreensão literal.

REFLEXÃO FINAL

| ' ' | | ' ' |

As Práticas Supervisionadas tanto no 1.º CEB como no 2.º CEB foram extremamente gratificantes, surgindo no 2.º CEB a primeira oportunidade de lecionação de Português e História e Geografia de Portugal e no 1.º CEB a primeira oportunidade de lecionação do modelo Movimento da Escola Moderna.

Nas aulas lecionadas no 2.º Ciclo (tanto a Português como a HGP), de um modo geral os alunos desenvolveram as competências previstas, através da realização bem-sucedida das atividades planificadas. Verificou-se aula a aula, através de registos em grelha que os alunos adquiriram os conteúdos lecionados e foram progredindo nos vários descritores. Pode considerar-se, atendendo às dificuldades manifestadas no início da prática supervisionada, que houve também uma evolução muito positiva no domínio das atitudes e valores. A observação das aulas que antecederam a prática supervisionada facultou todo o processo inerente ao Plano de Ação desenvolvido. Através das grelhas aplicadas verificou-se que os alunos se foram mostrando mais interessados e motivados, participando nas atividades propostas com mais empenho, o que permitiu uma boa dinâmica do trabalho desenvolvido de prática supervisionada. A prática foi desenvolvida numa escola “desafiante”, na qual os alunos se mostravam desinteressados e pouco afáveis, mas, com dedicação e carinho se tornaram gratos e participativos, sendo sempre um bom desafio ser professor nestes contextos escolares.

Relativamente à Prática Supervisionada no 1.º CEB, o primeiro contacto direto com o modelo Movimento da Escola Moderna surgiu através das 2 semanas de observação de aulas lecionadas pelo professor cooperante. Nas semanas seguintes deu-se início à prática supervisionada, sendo possível colocar em ação o modelo observado.

O contacto direto com este modelo em situação de observação, permitiu criar uma nova perspetiva e uma melhor compreensão da dinâmica funcional do processo ensino-aprendizagem, na aplicação do referido modelo. Este permite envolver os alunos na gestão do currículo escolar a desenvolver na sala de aula, de acordo com as suas fragilidades e dificuldades, tendo consciência da necessidade de se entretudarem e desenvolverem em comunidade a sua aprendizagem.

Nos estágios anteriormente desenvolvidos, era notável que os alunos não tomavam diariamente consciência das suas dificuldades, o que só acontecia nos momentos de avaliação sumativa, ao contrário do modelo do MEM.

Assim, pode concluir-se que este estágio obteve proveito, na medida em que foi aprendido e experienciado um novo modelo de ensino, no qual são privilegiados e desenvolvidos valores tão importantes na sociedade de hoje.

É ainda possível afirmar que este tipo de reflexão constante pela prática das aulas detém uma importância imensa, pois é através do desenvolvimento de competências reflexivas e do constante questionamento, que um professor põe em causa a sua prática e consegue adaptá-la e melhorá-la ao contexto de turma e de cada aluno.

Como Costa (2016) afirma, a formação continuada deve fazer parte da educação de um professor, sendo que é de indispensável e de extrema necessidade para o bom desempenho das funções no seu dia-a-dia. Esta formação continuada não só engloba o intuito teórico, como também os temas atuais que acontecem no mundo e o desenvolvimento das sociedades, devendo sempre o processo educativo acompanhar este processo de evolução.

REFERÊNCIAS

| ' ' | | ' ' |

Andrade, T. S. (s.d.). *Provérbios Falados no Nordeste - Um Olhar Linguístico e Histórico*. Consultado em, http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ3_09.htm

Aprendizagens Essenciais (2018). Português – 4º ano, 1.º Ciclo do Ensino Básico. Ministério da Educação. Consultado em, http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_4a_ff.pdf

Ausubel, D. P., Novak, J., & Hanesian, H. (1980). *Psicologia Educacional*. Interamericana.

Barros, L. (2010). *O Léxico em Foco: Múltiplos Olhares*. Editora Cultura Acadêmica.

Casimiro, A. I. (2019). *A gestão e o ritmo na sala de aula: Uma experiência numa turma de Inglês do Ensino Básico*. [Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de Inglês no 1º ciclo do Ensino Básico, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. Designação da base de dados. https://run.unl.pt/bitstream/10362/77049/1/ACasimiro%20Final%20Report_Vers%C3%A3o%20final.pdf

Coelho, C. I. (2021). *Pelas asas da tradição com destino à imaginação: abordagem científico-pedagógica de provérbios*. [Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2.º Ciclo do Ensino Básico, Escola Superior de Educação do Porto].

Conselho da Europa (2016). *Competências para uma cultura da democracia. Viver juntos em igualdade em sociedades democráticas culturalmente diversas*. Consultado em, <https://rm.coe.int/CoERMPublicCommonSearchServices/DisplayDCTMContent?documentId=09000016806ccf15>

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). *Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas*. Psicologia, Educação e Cultura, volume XIII (número 2), 455-479.

Dicionários Editora (2003). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto Editora.

Direção-Geral da Educação (s.d.). *TEIP. Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária*. Consultado em, <http://www.dge.mec.pt/teip>

Duarte, I. (2011). *O conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Lexical*. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Consultado em, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/des_consc_lexical.pdf

Junior, G. A. (2019). Diferentes métodos de pesquisa na análise qualitativa, para promover saúde. IV Seminário em Promoção da Saúde. Psicologia e Saúde em debate. Consultado em, <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/547/317>

Lopes, A. C. (1992). *Texto Proverbial Português: Elementos para uma análise semântica e pragmática*. [Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra]. Designação da base de dados. <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/719/2/Texto%20Proverbial%20Portugu%c3%aas.pdf>

Movimento da Escola Moderna (2023). Modelo Pedagógico do MEM. *mem movimento da escola moderna*. Consultado a 01 de julho de 2023 <https://www.escolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>

Martins, G., Gomes, C. A., Brocardo, J. M., Pedroso, J. V., Carrillo, J. L., Silva, L. M., Encarnação, M. M., Horta, M. J., Calçada, M. T., Nery, R. F., Rodrigues, S. M. (2017) *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação.

Consultado

em,

https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Santos, A. P. G. (2013). *Estudo do léxico em sala de aula: analisando os implícitos nos provérbios*. Universidade Federal de Minas Gerais.

Teixeira, I. M. (2014). *Provérbios e Matemática na Educação Pré-Escolar*. Universidade de Aveiro.

ANEXOS

| | ' ' | | ' '

Anexo A: Grelha de observação da aula tipos de texto

09/05/2023	Ca	Cl	Ed	Ev	Fi	Gus	H	JP	L	Mad	Mar	MG	MM	Qui	R	Ra	Rap	Rod	Roq	Sa	SG	Si	SS	Ver	Vi
Indicadores																									
1.1. Coloca o dedo no ar antes de intervir.	-	4	-	-	4	4	-	4	-	-	-	-	4	-	4		-	4	4	-	-	4	4	-	-
1.2. Respeita os momentos de intervenção dos colegas, não interrompendo os mesmos.	-	4	-	-	4	4	-	4	-	-	-	-	4	-	4		-	4	3	-	-	4	4	-	-
1.3. Coloca questões relacionadas com o tema.	-	NO	-	-	4	4	-	NO	-	-	-	-	NO	-	4		-	NO	3	-	-	4	3	-	-
2.1. Entende a estrutura do texto narrativo.	-	3	-	-	4	4	-	4	-	-	-	-	4	-	4		-	4	4	-	-	4	4	-	-
2.1.1. Entende a estrutura do texto descritivo.	-	3	-	-	4	4	-	3	-	-	-	-	4	-	4		-	3	4	-	-	4	3	-	-
2.1.2. Entende a estrutura do texto dramático.	-	3	-	↓	4	4	-	4	-	-	-	-	4	-	4		-	3	4	-	-	4	4	-	-

2.1.3. Entende a estrutura do texto explicativo.	-	3	-	-	4	4	-	3	-	-	-	-	4	-	4		-	3	4	-	-	4	3	-	-
2.2. Compreende as características particulares do texto narrativo.	-	3	-	-	4	4	-	4	-	-	-	-	4	-	4		-	4	4	-	-	4	4	-	-
2.2.1. Compreende as características particulares do texto descritivo.	-	3	-	-	3	4	-	3	-	-	-	-	3	-	3		-	3	4	-	-	4	3	-	-
2.2.2. Compreende as características particulares do texto dramático.	-	3	-	-	4	4	-	4	-	-	-	-	4	-	4		-	3	4	-	-	4	4	-	-
2.2.3. Compreende as características particulares do texto explicativo.	-	3	-	-	3	4	-	3	-	-	-	-	3	-	3		-	3	4	-	-	4	3	-	-
3.1. Identifica corretamente o tipo de texto.	-	4	-	-	4	4	-	3	-	-	-	-	4	-	4		-	4	4	-	-	4	4	-	-
3.2. Consegue justificar a sua resposta.	-	4	-	-	4	4	-	2	-	-	-	-	3	-	4		-	4	4	-	-	4	4	-	-
3.3. Cooperar com os colegas.	-	4	-	-	4	4	-	4	-	-	-	-	3	-	4		-	4	2	-	-	4	4	-	-

Legenda:

1	Insuficiente
2	Suficiente
3	Bom
4	Excelente
NO	Não Observável

Anexo B: Grelha de observação da aula de divisão silábica

01/06/2023	Ca	Cl	Ed	Ex	Fi	Gus	H	JP	L	Mad	Mar	MG	MM	Qui	R	Ra	Rap	Rod	Roq	Sa	SG	Si	SS	Ver	Vi
Indicadores																									
1.1. Coloca o dedo no ar antes de intervir;	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4
1.2. Respeita os momentos de intervenção dos colegas, não interrompendo os mesmos;	4	4	2	3	4	4	3	4	4	3	3	3	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	3	3
1.3. Coloca questões relacionadas com o tema.	2	3	3	1	4	4	1	3	1	2	1	2	3	2	4	3	2	3	4	3	1	4	3	2	3
2.1. Sabe que a divisão silábica é a separação das sílabas presentes numa palavra.	4	4	3	2	4	4	3	4	2	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4
2.2. Sabe as regras para a divisão silábica: não se pode separar os dígrafos ou ditongos; todas as sílabas têm pelo menos uma vogal.	4	4	3	2	4	4	2	4	1	3	2	3	4	3	4	4	2	4	4	3	2	4	4	2	3

3.1. Sabe a diferença entre sílaba tônica e sílaba átona: sabe que a sílaba tônica é a sílaba que se pronuncia com maior intensidade.	-	4	-	2	4	4	-	4	-	3	-	3	4	-	4	4	-	4	4	-	-	4	4	-	-
3.2. Sabe utilizar o método EGA para classificar as sílabas tônicas.	-	4	-	1	4	4	-	2	-	3	-	2	4	-	4	4	-	4	4	-	-	4	3	-	-
4.1. Segue as indicações presentes no guia.	4	4	4	3	4	4	3	3	2	3	3	3	4	3	4	3	3	4	4	4	4	3	4	4	3
4.2. Elabora um enunciado coerente.	-	4	-	2	4	4	-	3	-	3	-	3	4	-	4	4	-	4	4	-	-	4	3	-	-
4.3. Produz um enunciado/escreve palavras desafiantes.	3	4	2	1	3	4	2	3	1	2	2	2	4	2	3	3	3	4	4	3	1	4	3	3	3

Legenda:

1	Insuficiente
2	Suficiente
3	Bom
4	Excelente
NO	Não Observável
	Alunos de 1º ano
	Alunos de 2º ano
	Alunos de 4º ano

Anexo C: Grelha de observação da aula de composição de um texto informativo e de opinião e de elaboração de adivinhas

31/05/2023	Ca	Cl	Ed	Ev	Fi	Gus	H	JP	L	Mad	Mar	MG	MM	Qui	R	Ra	Rap	Rod	Roq	Sa	SG	Si	SS	Ver	Vi
Indicadores																									
2.1. Entende as diferentes estruturas.	-	2	-	-	4	4	-	2	-	-	-	-	4	-	3		-	3	3	-	-	3	3	-	-
2.2. Compreende as características particulares de cada texto	-	2	-	-	3	3	-	2	-	-	-	-	3	-	3		-	3	3	-	-	2	2	-	-
2.3. Refere os conteúdos do glossário	-	2	-	-	2	2	-	2	-	-	-	-	3	-	2		-	2	2	-	-	2	2	-	-
2.4. Elabora um texto coeso e coerente	-	2	-	-	3	3	-	2	-	-	-	-	3	-	3		-	3	3	-	-	2	2	-	-
3.1. Sabe nomear as características de cada figura geométrica.	4	-	3	3	-	-	3	-	2	4	3	3	-	2	-	-	4	-	-	4	2	-	-	3	3
3.2. Utiliza a nomenclatura correta.	3	-	3	3	-	-	3	-	2	3	3	3	-	2	-	-	3	-	-	3	2	-	-	3	2
3.3. Sabe identificar um objeto real parecido à figura geométrica.	4	-	4	4	-	-	4	-	4	4	4	4	-	4	-	-	4	-	-	4	4	-	-	4	4

4.1. Sabe a estrutura de uma adivinha.	4	-	3	3	-	-	4	-	3	3	4	4	-	3	-	-	3	-	-	4	3	-	-	4	3
4.2. Entende que não deve nomear a figura no enunciado da adivinha.	4	-	4	4	-	-	4	-	4	4	4	4	-	4	-	-	4	-	-	4	4	-	-	4	4
4.3. Constrói uma adivinha com sentido.	4	-	3	3	-	-	3	-	3	3	3	3	-	3	-	-	4	-	-	4	3	-	-	3	3
4.4. Constrói uma adivinha desafiante.	4	-	2	3	-	-	3	-	3	3	3	3	-	3	-	-	4	-	-	4	3	-	-	3	2

Legenda:

1	Insuficiente
2	Suficiente
3	Bom
4	Excelente
NO	Não Observável
	Alunos de 1º ano
	Alunos de 2º ano
	Alunos de 4º ano

Anexo D: Questionário de recolha inicial de informação

Dados pessoais:	
Sexo	M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Idade	
Ano escolaridade	

1. Sabes o que é um provérbio?

SIM

NÃO

1.1. Se respondeste sim, explica por palavras tuas o que é um provérbio?

2. Conheces algum provérbio?

SIM

NÃO

2.1. Se SIM, indica:

a) Um ou mais provérbios que conheças. _____

b) Quem te ensinou os provérbios que conheces? _____

3. Usas provérbios quando falas?

SIM

NÃO

3.1. Se respondeste SIM, indica o(s) contexto(s) em que os usas (escola, em casa, com os amigos, com familiares). _____

3.2. Se respondeste NÃO, indica por que razão não os usas. _____

4. Conheces alguém que utilize provérbios?

SIM

NÃO

4.1. Se respondeste SIM, indica quem os usa. _____

5. Gostarias de conhecer (mais) provérbios?

SIM

NÃO

5.1. Justifica a tua resposta. _____

6. Completa:

Quem conta um conto...
Quem foi ao ar...

Anexo E: Questionário de recolha final de informação

Dados pessoais:	
Sexo	M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>
Idade	
Ano escolaridade	

1. Gostaste do trabalho que desenvolvemos sobre os provérbios? (Assinala a tua escolha com um X)

Gostei muito Gostei Gostei pouco Não gostei

2. Qual foi a atividade que mais gostaste? _____

3. Achas que é importante conhecer provérbios? (Assinala a tua escolha com um X)

Acho muito importante Acho importante Acho pouco importante Não acho importante

3.1. Justifica a tua resposta. _____

4. Assinala com um X o provérbio que foi mais difícil de compreender durante as atividades realizadas.

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Amor com amor se paga | <input type="checkbox"/> Quem não tem cão, caça com gato. |
| <input type="checkbox"/> Quem tudo quer tudo perde | <input type="checkbox"/> A galinha da vizinha é melhor que a minha. |
| <input type="checkbox"/> O seguro morreu velho | <input type="checkbox"/> Cada macaco no seu galho. |
| <input type="checkbox"/> A curiosidade matou o gato | <input type="checkbox"/> Filho de peixe, sabe nadar. |
| <input type="checkbox"/> Devagar se vai longe | <input type="checkbox"/> De grão a grão, enche a galinha o papo. |

5. Gostavas de conhecer mais provérbios?

SIM

NÃO

5.1. Se respondeste SIM, indica como podes ficar a conhecer mais provérbios?

6. Explica por palavras tuas o que é um provérbio? _____

7. Depois das atividades que realizaste, achas que vais usar mais provérbios?

SIM

NÃO

Anexo F: Notas de Campo (Atividade 1)

Faltaram dois alunos no dia da realização da Recolha inicial e Atividade 1. Foi dada a escolha de participação e um aluno não quis fazer parte do estudo.

Primeiramente, a estagiária fez uma explicação do que pretendia realizar com o grupo, relatando que se encontrava a fazer um estudo sobre os provérbios populares. Isto, porque reparou que o professor cooperante utilizava provérbios para explicar uma situação e a turma não percebia esta frase popular transmitida. Posteriormente, distribuiu os inquéritos e após a resolução dos mesmos, foi feita uma definição simples do tema, de modo a que os alunos entendessem o conceito de Provérbio Popular.

De seguida, foram distribuídos os contos aleatoriamente pelos grupos, juntamente com os provérbios.

Todos os grupos conseguiram corresponder corretamente o provérbio ao conto, à exceção do grupo com o conto “O Rato do Campo e o Rato da Cidade”. Os alunos atribuíram a este conto o provérbio “Quem tudo quer tudo perde” ao invés do “O seguro morreu de velho”.

A estagiária fez uma reflexão com os alunos, de modo a que estes chegassem à conclusão de qual o provérbio que melhor se adequava ao conto atribuído.

Nas apresentações ao grupo de turma, os alunos leram o conto, disseram o provérbio que associaram ao mesmo, explicando porquê e ainda identificaram a estrofe ou frase que relatasse e/ou resumisse o provérbio no conto. Nas duas primeiras apresentações, a pedido da estagiária, os colegas davam a sua opinião no final da apresentação, expressando se concordavam ou não com o grupo. Nas restantes apresentações, foi pedido que os colegas expressassem a sua opinião logo após a leitura do conto e associação ao provérbio. De seguida, é que o grupo a apresentar é que comentava se concordava com os colegas, justificando.

Anexo G: Cartazes realizados pelos grupos de trabalho

PROVÉRBIOS

Caracóis de Ouro e os três urzinhos

Caracóis de Ouro era uma menina de cabelo louro. Muito generosa, tinha um defeito... era curiosa. Um dia no bosque, sem ela contar... que bela aventura! Por entre a verdura, viu uma casinha. Quis logo espantá-la!

Toc, toc, toc! Bateu ela à porta.

«Mas que espero eu? Ninguém respondeu... Vou mas é entrar para descansar.»

Sobre uma mesa que bela refeição!

Três chavenas de leite e fatias de pão.

Das chavenas grandes, ela não gostou.

A mais pequenina já lhe agradeceu...

Bebedo o teu leite, pôs-se a pensar:

«Já sei! Quero ver a sala de estar!»

Oha! Uma lareira! Vou sentar-me à beira.

Com o furo que está, aqueço-me lá!»

Ela uma poltrona e outra bem menor.

«Quero a cadeirinha. Para mim é melhor!»

Caracóis de Ouro presta atenção!

Se não tens cuidado ainda cais no chão!

«Que me falta ainda descobrir?»

Acho que só me resta o quarto de dormir.

Há aqui três camas, nem sei decidir.

Esta é muito grande, não posso subir.

«Esta é a minha pequena cama a lá chegar... É na pequenina que me vou deitar!»

Parece uma cama de boneca. Que boa que é para uma senescal!

Aquela almofada tão fofa parece!

Caracóis de Ouro logo adormece.

Enquanto sonhava sonhos cor-de-rosa,

A nossa menina nem imaginava

que a Família Urso ali regressava.

«Quem foi que comeu o pequeno almoço? Quem foi que quebrou a minha cadeirinha? Quem é que criou este alvoroço?»

«Mãezinha! Palzinhol! Venham aqui ver quem na minha cama foi adormecer.»

Com este banço Caracóis de Ouro

Pôs-se logo em pé.

É ainda ensonada

viu surgir um urzinho de cara espantada.

Caracóis de Ouro fugiu pela janela,

Enquanto os urzinhos olhavam para ela.

Dai em diante ficou orgulhosa.

Pois com aquele susto não mais foi curiosa!

Adaptado de: As Histórias de Monteiro
Projeto: Carlos Alberto Machado
Tradução: Margarida Machado, 2009
Canoa das Letras.

A curiosidade matou o gato.

Às vezes a curiosidade corre mal.
Ex: Quando uma pessoa se mete onde não é chamada pode correr mal.

Autoras e ilustradoras

PROVÉRBIOS

O Rato do Campo e o Rato da Cidade

É o rato Gervásio que é um rato albedo, mora no meio do campo, mas sofre de solidão.

Lê uma carta do primo que em poucas palavras diz:

«Em breve vou visitar-te para que fiques feliz.»

O seu primo Felício é um rato da cidade.

Gervásio fica contente e dilhe com amizade:

«Saber da tua chegada deu-me um enorme prazer. Pois assim posso mostrar-te onde costumamos viver!»

De braço dado e sorrindo, decidem ir passear.

Depois Gervásio começa a preparar o jantar.

«O que tens no caldeirão?» pergunta Felício esustado.

«Sementes de hipericão e margaridas do Prado.»

«Parecias muito magrinho: agora sei o motivo!»

Tens de aprender a viver: vem para a cidade comigo!

Dito e feito, os dois abalam.

Gervásio muito excitado, vai ver a cidade com que já tinha sonhado.

«Olha para aqui, Gervásio: então o que dizes? Isto não é bem melhor do que só comer ração?»

O nosso rato do campo está mesmo estupefacto.

Mas antes de abrir a boca... eis que aparece um GATO!

«Corre Gervásio, corre! Vai procurar um abrigo!»

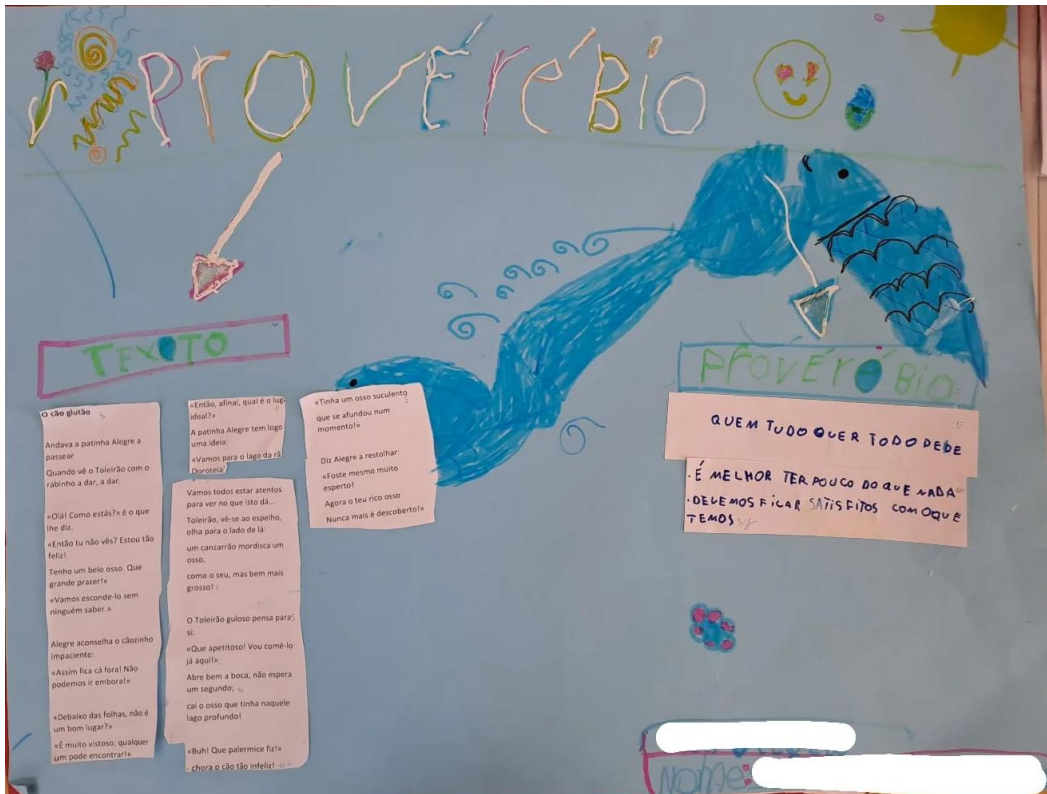
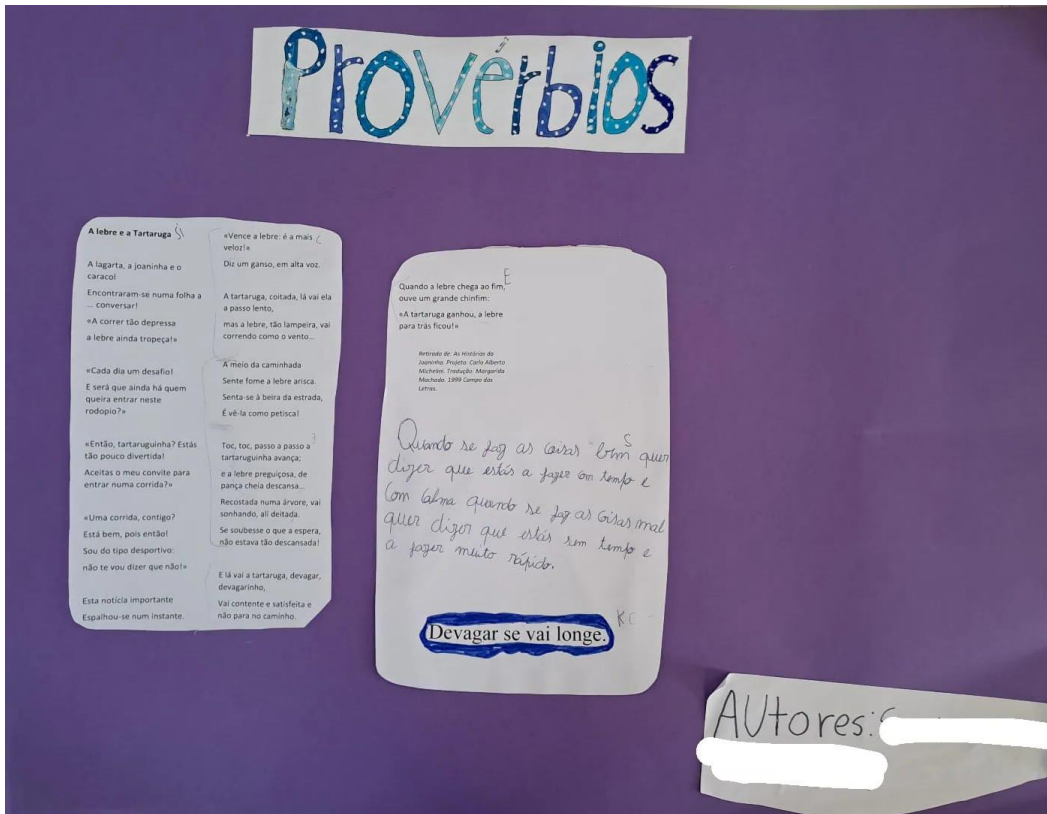
«Sim, mas à cidade não volto, no campo não corro perigo!»

Adaptado de: As Histórias de Monteiro
Projeto: Carlos Alberto Machado
Tradução: Margarida Machado, 2009
Canoa das Letras.

O seguro morreu de velho.

Achamos que o provérbio é "o seguro morreu de velho" porque o rato do campo não quer ir viver na cidade porque achava muito perigoso e achava que se ele fosse lá viver, ia morrer de velho, e se vive-se no campo ia morrer de velho.

Autores e ilustradores
Turma mista 2022/2023



PROVÉRBIOS

Amor com amor se paga.

O Leão e o Ratinho

Esta história começa com um ratinho a passear. Sai da toca à meia-noite à procura de jantar! É um ratinho minúsculo, quase insignificante... que vê assarapantado um leão forte e possante!... Na fresca relva da noite está o leão estendido. Tem um olho bem aberto,

Porque neste conto o leão não mata o ratinho, e o ratinho salva o leão.

mas está adormecido.

Ao ouvi-lo rressonar, diz o ratinho em segredo:

«Mas que grande matulão, tem um ar que mete medo!»

Mas eis o leão acorda porque tem bom ouvido...

Prende o rato pela cauda e diz-lhe:

«Vais ser comido!»

O pobrezinho do rato com terror tremelicante

de súbito, ficou à frente daquela boca gigante...

«Não me comas, por favor! Salva-me a vida, leão!

Se o teu corpo é tão grande, será grande o coração!»

O leão ouve-o atento, e, sem saber a razão, solta o rato assustado que volta a pisar o chão!

No dia seguinte, por não prestar atenção Foi cair numa armadilha o nosso feroz leão!

Mas o corvo viu a cena e correu a avisar, dizendo ao ratinho amigo: «Só tu o podes salvar!»

Zic zac! Zic zac! Logo o ratinho avançou, e com dentes afiados a armadilha soltou!

O leão olhou para ele com um ar surpreendido

Ao ver salva a sua vida por um ratinho agradecido!

Autores
e
Ilustradores:

Anexo H: Suporte de apresentação da associação do conto ao provérbio

Grupo 1:

G1

Investiga o significado

Data: 2 / 6 / 2023

Provérbio: De grão a grão enche a galinha o papo.

Pessoas com quem falei:

1) Claudia

O que disseram:

Nós temos um milheiro e vamos fundo lá dentro. Acredito vai chegar algum tempo que vai chegar a hora que vamos conseguir comprar algum de aqui - por aqui.

2) Paula

O que disseram:

Devo. Quando temos um objetivo que é difícil não devemos desistir e desistir levando o tempo que levar conseguimos o objetivo.

3) Rita

O que disseram:

De aos poucos se fomos lutando por algum objetivo vamos acabar por alcançá-lo.

Depois da informação que recolheste, explica o significado deste provérbio.

Nós achamos que o significado da frase De grão a grão enche a galinha o papo significa que aos poucos se vai ir e que se fomos lutando conseguimos atingir o nosso objetivo.

Grupo 3:

63

Investiga o significado

Data: / /	N.º
-----------	-----

Provérbio: A galinha da vizinha é melhor do que a minha

Pessoas com quem falei:

O que disseram:

1) São

Dizem mais mal das coisas das outras do que as próprias. A galinha de outra ^{melhor} vizinha é melhor do que a minha. São sempre melhores do que as outras do que é que é mais.

2) Claudia

São sempre melhores do que as outras do que é que é mais.

3) _____

Depois da informação que recolheste, explica o significado deste provérbio.

O significado deste provérbio é que as coisas das outras são sempre das melhores do que as nossas.

Grupo 4:

G4

Investiga o significado

Data: 2 / 6 / 2023

Provérbio: Cada maçã do seu galho

Pessoas com quem falei:

1) Jessica

O que disseram:

Cada coisa no seu
lugar.

2) Paula

Cada um no seu
partido

3) _____

Depois da informação que recolheste, explica o significado deste provérbio.

Cada pessoa do seu galho

Grupo 5:

Investiga o significado

Data: 2 / 6 / 2023

Provérbio: Filho de Rei se Dale mada.

Pessoas com quem falei:

O que disseram:

1) Claudia
Cristina

clara - O Filho de
Pomelo vai ser
um bom jogador.
clara - O Filho
vai ser a mesma
pessoa que o
pai.

2) Maria José
Susana

clara - segue ao
passo do pai.
clara - seguindo ao
pai.

3) Carmin
Pai

clara - O que o
pai fez o filho
o filho vai
ao pai.
clara - O Filho
de Pomelo vai
ser um bom
jogador de futebol.
O filho herda
as características
do pai.

Depois da informação que recolheste, explica o significado deste provérbio.

O pto vrbio significa que o filho herda
mais-valias do pai.

Anexo I: Transcrição das gravações áudio (Atividade 2)

Os alunos questionaram diversas pessoas sobre o significado de um provérbio acabando por concluir o significado registado abaixo:

PROVÉRBIO	SIGNIFICADO
Filho de peixe sabe nadar	Explicação escrita: “O filho herda mais-valias dos pais”. “O teu pai desenha bem então também desenhas bem” [4.º ano].
Cada macaco no seu galho	Explicação escrita: “Cada pessoa no seu lugar” “Eu sou daqui tu és dali” [4.º ano] Relação com os contos trabalhados <u>“O rato do campo e o rato da cidade”</u> Explicação: “Há vários tipos de ratos. O rato foi para o campo e evoluiu em relação ao que as coisas do campo lhe davam (comida, terra, animais) e o da cidade evoluiu com as condições que a cidade lhe dava. Então, se os trocarem, sobrevivem muito mal” [4.º ano]. <u>“Caracóis de ouro e os três ursinhos”.</u> Explicação: “Cada um tem que estar no seu sítio”. [1.º ano]
De grão a grão enche a galinha o papo	Explicação escrita: “Aos poucos se vai ao longe e que se formos devagar conseguimos atingir o nosso objetivo”, “Devagar se vai ao longe”. “Bocadinho, a bocadinho, a bocadinho fica-se com um grande conjunto”. [2.º ano] Relação com os contos trabalhados <u>“A lebre e a tartaruga”</u> Explicação: “Devagarinho a tartaruga conseguiu chegar à meta”. [2.º ano]
	Explicação escrita: “Quando as pessoas não têm certas coisas, usam outras para fazer o trabalho das coisas que eles não têm”.

<p>Quem não tem cão caça com gato</p>	<p>“Não tenho colher de chá uso uma colher de café”. [2.º ano]</p> <p>“O que antes se dizia era: quem não tem cão caça como gato, ou seja, sozinho”. [4.º ano]</p> <p>“Quero cortar esta cartolina, mas não tenho tesoura, corto com um x-ato”. [4.º ano]</p> <p>A estagiária ajuda a compreender o provérbio: “ter a capacidade de se desenrascar”.</p>
<p>A galinha da vizinha é melhor do que a minha</p>	<p>Explicação escrita: “As coisas dos outros às vezes são melhores do que as nossas”.</p> <p>“O Rodrigo tem uma caneta muito fixe e muito cara e diferente de todas e eu queria muito a dele, mas depois quando trocamos não escreve nada”. [4.º ano]</p> <p>Relação com os contos trabalhados</p> <p><u>“O cão glutão”</u></p> <p>Explicação:</p> <p>“Porque ele queria tanto um osso maior que acabou por ficar sem nada”. [1.º ano]</p>

Anexo J: Contos para a Atividade 1

O Leão e o Ratinho

Esta história começa com um ratinho a passear.

Sai da toca à meia-noite à procura de jantar!

É um ratinho minúsculo, quase insignificante...

que vê assarapantado um leão forte e possante!...

Na fresca relva da noite

está o leão estendido.

Tem um olho bem aberto,

mas está adormecido.

Ao ouvi-lo rressonar, diz o ratinho em segredo:

«Mas que grande matulão, tem um ar que mete medo!»

Mas eis o leão acorda

porque tem bom ouvido...

Prende o rato pela cauda e diz-lhe:

«Vais ser comido!»

O pobrezinho do rato

com terror tremelicante

de súbito, ficou à frente

daquela boca gigante...

«Não me comas, por favor!

Salva-me a vida, leão!

Se o teu corpo é tão grande,

será grande o coração!»

O leão ouve-o atento,

e, sem saber a razão,

solta o rato assustado

que volta a pisar o chão!

No dia seguinte, por não prestar atenção

Foi cair numa armadilha o nosso feroz leão!

Mas o corvo viu a cena e correu a avisar,

dizendo ao ratinho amigo:

«Só tu o podes salvar!»

Zic zac! Zic zac! Logo o ratinho avançou,

e com dentes afiados a armadilha soltou!

O leão olhou para ele com um ar surpreendido

Ao ver salva a sua vida por um ratinho agradecido!

Retirado de: As Histórias da Joanhina. Projeto: Carlo Alberto Michelini. Tradução: Margarida Machado. 1999 Campo das Letras.

O cão glutão

Andava a patinha Alegre a passear

Quando vê o Toleirão com o rabinho a dar, a dar.

«Olá! Como estás?» é o que lhe diz.

«Então tu não vês? Estou tão feliz!

Tenho um belo osso. Que grande prazer!»

«Vamos esconde-lo sem ninguém saber.»

Alegre aconselha o cãozinho impaciente:

«Assim fica cá fora! Não podemos ir embora!»

«Debaixo das folhas, não é um bom lugar?»

«É muito vistoso; qualquer um pode encontrar!»

«Então, afinal, qual é o lugar ideal?»

A patinha Alegre tem logo uma ideia:

«Vamos para o lago da rã Doroteia!»

Vamos todos estar atentos para ver no que isto dá...

Toleirão, vê-se ao espelho, olha para o lado de lá:

um canzarrão mordisca um osso,

como o seu, mas bem mais grosso!

O Toleirão guloso pensa para si:

«Que apetitoso! Vou comê-lo já aqui!»

Abre bem a boca, não espera um segundo;

cai o osso que tinha naquele lago profundo!

«Buh! Que palermice fiz!»

- chora o cão tão infeliz!

«Tinha um osso suculento

que se afundou num momento!»

Diz Alegre a restolhar:

«Foste mesmo muito esperto!

Agora o teu rico osso

Nunca mais é descoberto!»

Retirado de: As Histórias da Joanhinha.
Projeto: Carlo Alberto Michelini. Tradução:
Margarida Machado. 1999 Campo das
Letras.

O Rato do Campo e o Rato da Cidade

Eis o rato Gervásio que é um rato aldeão;
mora no meio do campo, mas sofre de
solidão.

Lê uma carta do primo que em poucas
palavras diz:

«Em breve vou visitar-te para que fiques
feliz.»

O seu priminho Felício é um rato da cidade.

Gervásio fica contente e diz-lhe com
amizade:

«Saber da tua chegada deu-me um enorme
prazer,

Pois assim posso mostrar-te onde costumo
viver!»

De braço dado e sorrindo, decidem ir
passar;

Depois Gervásio começa a preparar o jantar.

«O que tens no caldeirão?» pergunta Felício
assustado.

«Sementes de hipericão e margaridas do
prado.»

«Parecias muito magrinho: agora sei o
motivo!»

Tens de aprender a viver: vem para a cidade
comigo!»

Dito e feito, os dois abalam. Gervásio muito
excitado,

iria ver a cidade com que já tinha sonhado.

«Olha para aqui, Gervásio: e então o que
dizes?»

Isto não é bem melhor do que só comer
raízes?»

O nosso rato do campo está mesmo
estupefacto,

Mas antes de abrir a boca... eis que aparece
um GATO!!

«Corre Gervásio, corre! Vai procurar um
abrigo.»

«Sim, mas à cidade não volto; no campo não
corro perigo!»

Retirado de: As Histórias da Joanhinha.
Projeto: Carlo Alberto Michelini. Tradução:
Margarida Machado. 1999 Campo das
Letras.

Caracóis de Ouro e os três ursinhos

Caracóis de Ouro era uma menina de cabelo louro.

Muito generosa, tinha um defeito... era curiosa.

Um dia no bosque, sem ela contar... que bela aventura!

Por entre a verdura, viu uma casinha. Quis logo espreitar!

Toc, toc, toc! Bateu ela à porta.

«Mas que espero eu? Ninguém respondeu...

Vou mas é entrar para descansar.»

Sobre uma mesa que bela refeição!

Três chávenas de leite e fatias de pão.

Das chávenas grandes, ela não gostou.

A mais pequenina já lhe agradou...

Bebendo o seu leite, pôs-se a pensar:

«Já sei! Quero ver a sala de estar!

Olha! Uma lareira! Vou sentar-me à beira.

Com o frio que está, aqueço-me lá!»

Eis uma poltrona e outra bem menor...

«Quero a cadeirinha. Para mim é melhor!»

Caracóis de Ouro presta atenção!

Se não tens cuidado ainda caís no chão!

«Que me falta ainda descobrir?

Acho que só me resta o quarto de dormir.

Há aqui três camas, nem sei decidir.

Esta é muito grande, não posso subir.

Esta é mais pequena custa a lá chegar...

É na pequenina que me vou deitar!»

Parece uma cama de boneca.

Que boa que é para uma soneca!

Aquela almofada tão fofa parece!

Caracóis de Ouro logo adormece.

Enquanto sonhava sonhos cor-de-rosa,

A nossa menina nem imaginava

que a Família Urso ali regressava.

«Quem foi que comeu o pequeno-almoço?

Quem foi que quebrou a minha cadeirinha?

Quem é que criou este alvoroço?»

«Mãezinha! Paizinho! Venham aqui ver quem na minha cama foi adormecer.»

Com este banzé Caracóis de Ouro

Pôs-se logo em pé.

E ainda ensonada

viu aquele ursinho de cara espantada.

Caracóis de Ouro fugiu pela janela,

Enquanto os ursinhos olhavam para ela.

Daí em diante ficou orgulhosa:

Pois com aquele susto não mais foi curiosa!

Retirado de: As Histórias da Joanelinha.

Projeto: Carlo Alberto Michelini. Tradução:

Margarida Machado. 2001 Campo das

Letras.

A lebre e a Tartaruga

A lagarta, a joaninha e o caracol

Encontraram-se numa folha a ... conversar!

«A correr tão depressa

a lebre ainda tropeça!»

«Cada dia um desafio!

E será que ainda há quem queira entrar neste rodopio?»

«Então, tartaruginha? Estás tão pouco divertida!

Aceitas o meu convite para entrar numa corrida?»

«Uma corrida, contigo?

Está bem, pois então!

Sou do tipo desportivo:

não te vou dizer que não!»

Esta notícia importante

Espalhou-se num instante.

«Vence a lebre: é a mais veloz!»

Diz um ganso, em alta voz.

A tartaruga, coitada, lá vai ela a passo lento,
mas a lebre, tão lampeira, vai correndo como
o vento...

A meio da caminhada

Sente fome a lebre arisca.

Senta-se à beira da estrada,

É vê-la como petisca!

Toc, toc, passo a passo a tartaruginha
avança;

e a lebre preguiçosa, de pança cheia
descansa...

Recostada numa árvore, vai sonhando, ali
deitada.

Se soubesse o que a espera, não estava tão
descansada!

E lá vai a tartaruga, devagar, devagarinho,

Vai contente e satisfeita e não para no
caminho.

Quando a lebre chega ao fim, ouve um
grande chinfim:

«A tartaruga ganhou, a lebre para trás
ficou!»

Retirado de: As Histórias da Joaninha.
Projeto: Carlo Alberto Michelini. Tradução:
Margarida Machado. 1999 Campo das
Letras.

Anexo K: Respostas dos alunos às questões de resposta aberta (Questionário Inicial)

1.1 Se respondeste SIM, explica por palavras tuas o que é um provérbio.

A1, 1.º ano: “São palavras antigas.”

A9, 1.º ano: “Uma frase pode significar alguma coisa.”

A13, 4.º ano: “É uma frase que indica indiscretamente alguma lógica.”

A14, 4.º ano: “É alguma frase que explica alguma coisa.”

A17, 4.º ano: “Uma expressão do tempo dos reis.”

A18, 4.º ano: “São frases que servem para explicar algo ou para dizer algo antigo.”

A19, 4.º ano: “Um provérbio é uma coisa que nos identifica.”

A22, 4.º ano: “São espreções.”

2.1 Se SIM, indica:

a)

A4, 1.º ano: “Quem vai ao ar perde o lugar.”

A5, 1.º ano: “Quem sai perde o lugar.”

A12, 2.º ano: “Quem foi au ar perdeu o logar.”

A13, 4.º ano: “Quem foi ao ar perde o lugar. Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.”

A14, 4.º ano: “Pôr a carroça à frente dos bois, Ter mais olhos que barriga, Quem diz é quem é.”

A16, 4.º ano: “Quem conta um conto acrescenta um ponto.”

A17, 4.º ano: “Ócios do ofício.”

A18, 4.º ano: “Quem vai ao ar perde o lugar. Achado não é roubado. Estão a brincar na maionese.”

A20, 4.º ano: “Quem não arrisca não petisca, Estamos a navegar na maionese, Quem vai ao ar perde o lugar.”

A22, 4.º ano: “Quem vai ao ar perde o lugar”

b)

A4, 1.º ano: “A Sara.”

A5, 1.º ano: “Comecei a ouvir e comecei a dizer.”

A12, 2.º ano: “Avó, mãe, televisão, pai e primo.”

A13, 4.º ano: “Não sei”

A14, 4.º ano: “os meus familiares e pessoas que já não me lembro.”

A16, 4.º ano: “fui ouvindo dizer.”

A17, 4.º ano: “a minha família (principalmente)”

A18, 4.º ano: “Pedro, pai, mãe, avó, avô, pessoas velhas.”

A20, 4.º ano: “Ninguém, eu ouvi e aprendi.”

A22, 4.º ano: “Foram os meus pais e também ouvi falar.”

3.1 Se respondeste SIM, indica o(s) contexto(s) em que os usas (escola, em casa, com os amigos, com familiares).

A4, 1.º ano: “Em casa e escola.”

A5, 1.º ano: “Escola, casa, os amigos e a família.”

A9, 1.º ano: “Em casa e na escola.”

A11, 2.º ano: “Com família e em casa.”

A12, 2.º ano: “Eu e os meus primos estávamos a brincar e a construir cabanas perseguiamos de molas e o meu primo não queria pedir molas então eu disse que quem não arrisca não petisca.”

A17, 4.º ano: “Tenho tendência para usar em qualquer lado.”

A18, 4.º ano: “Passaram-me a frente só que foram buscar uma coisa eu digo: Quem vai ao ar perde o lugar.”

A20, 4.º ano: “Com os amigos e com familiares, e na escola e em casa.”

A22, 4.º ano: “Com os meus familiares e na escola.”

3.2 Se respondeste NÃO, indica por que razão não os usas.

A1, 1.º ano: “Porque não sei o que são provérbios.”

A2, 1.º ano: “Porque não conheço.”

A3, 1.º ano: “Porque não sei dizer provérbios.”

A6, 1.º ano: “Porque não quero falar isso.”

A7, 1.º ano: “Porque não sei.”

A8, 1.º ano: “Não conheço.”

A10, 1.º ano: “Porque não percebo.”

A13, 4.º ano: “Não gosto.”

A14, 4.º ano: “Porque não gosto muito de os usar no meu vocabulário.”

A15, 4.º ano: “Porque é complicado. E eu falo bem como falo agora.”

A16, 4.º ano: “Não sei.”

A19, 4.º ano: “Porque não é uma coisa que usamos em casa.”

4.1 Se respondeste SIM, indica quem os usa.

A1, 1.º ano: “Estagiária Carolina.”

A2, 1.º ano: “Miguel.”

A3, 1.º ano: “Estagiária Carolina.”

A4, 1.º ano: “Não sei.”

A8, 1.º ano: “Irmão e colegas de turma.”

A9, 1.º ano: “O meu pai.”

A10, 1.º ano: “A minha mãe.”

A12, 2.º ano: “Avó, primo e mãe.”

A13, 4.º ano: “A minha avó materna, e o meu avô paterno.”

A14, 4.º ano: “Vários adultos e idosos.”

A16, 4.º ano: “Pedro Branco.”

A17, 4.º ano: “A minha família (principalmente).”

A18, 4.º ano: “Mãe, pai, Pedro, avó, avô.”

A20, 4.º ano: “O meu professor, a minha irmã.”

A22, 4.º ano: “O pedro, o meu professor e o meu pai.”

5.1 Justifica a tua resposta.

A5, 1.º ano: “Porque acho que é giro e comecei a dizer.”

A8, 1.º ano: “Porque quero aprender mais provérbios.”

A9, 1.º ano: “Porque conheço poucos e assim o mundo seria mais fácil para mim.”

A10, 1.º ano: “Porque gosto de saber.”

A11, 2.º ano: “Sim porque queria aprender sobre isto.”

A12, 2.º ano: “Eu gosto de conhecer provérbios porque é uma forma engraçada de comunicar.”

A13, 4.º ano: “Não tenho nada para aprender isso mas também tenho curiosidade.”

A14, 4.º ano: “Por mim tanto faz conhecer ou não. Quase nunca os uso.”

A15, 4.º ano: “Para aprender e quando me perguntarem eu já saber.”

A16, 4.º ano: “Gostava de saber mais porque gostava de usar.”

A17, 4.º ano: “Gosto de história.”

A18, 4.º ano: “Não gosto de provérbios.”

A19, 4.º ano: “Costari porque temo de apredire estas coisas.”

A20, 4.º ano: “Para saber mais provérbios.”

A21, 4.º ano: “Para aprender.”

A22, 4.º ano: “Para dizer aos meus pais.”

6. Completa:

A1, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perdeu o lugar.”

A4, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A5, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A7, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perdeu o lugar.”

A8, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A9, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A10, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A11, 1.º ano: “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A12, 2.º ano: “Quem conta um conto... não sei.” “Quem foi ao ar... perdeu o lugar.”

A13, 2.º ano: “Quem conta um conto... não sei.” “Quem foi ao ar... perdeu o lugar.”

A14, 4.º ano: “Quem foi ao ar... perdeu o lugar, chegou o dono toca a bazar, se o ladrão deixar.”

A15, 4.º ano: “Quem conta um conto... acrescenta um conto.” “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A16, 4.º ano: “ponto.” “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A17, 4.º ano: “Quem conta um conto... acrescenta um”

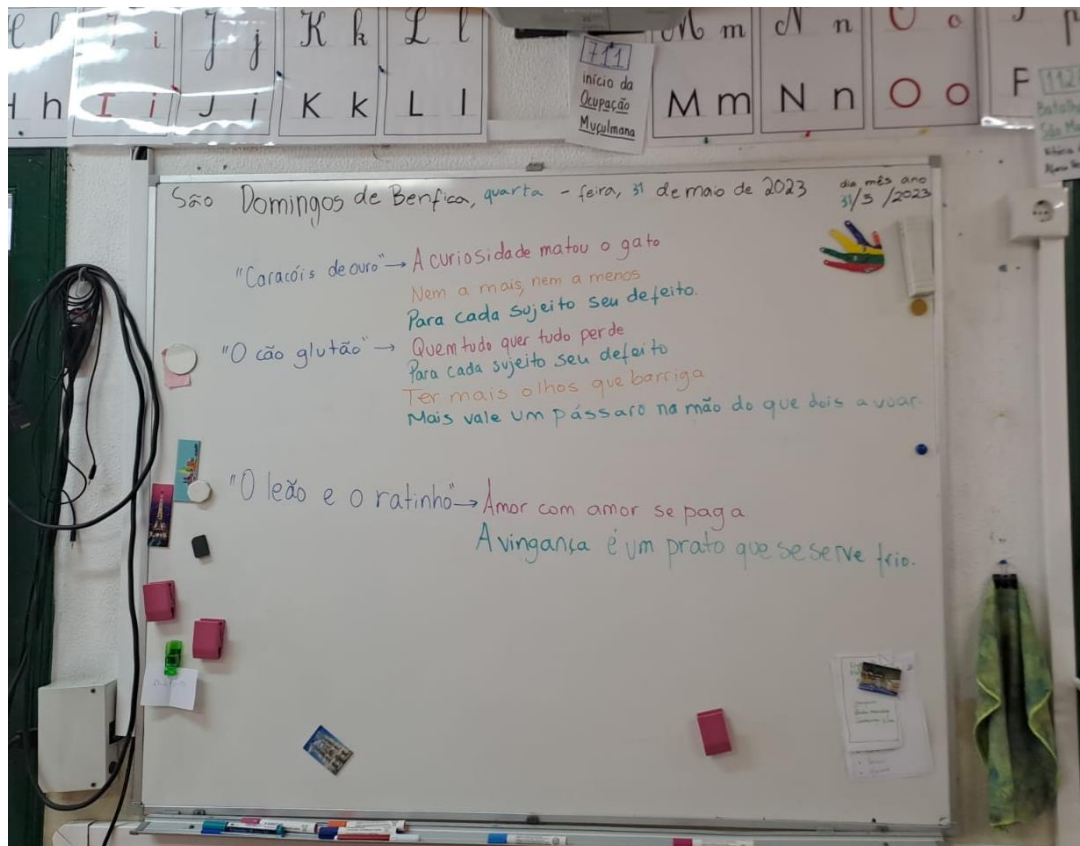
A18, 4.º ano: “Quem conta um conto... não sei.” “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A19, 4.º ano: “Quem foi ao ar... vai ao mar.”

A20, 4.º ano: “Quem foi ao ar... perde o lugar.”

A22, 4.º ano: “Quem foi ao ar... perdeu o lugar.”

Anexo L: Atividade realizada pela professora do 4º ano, após apresentação dos cartazes



Anexo M: Respostas dos alunos às questões de resposta aberta (Questionário final)

2. Qual foi a atividade que mais gostaste?

A1, 2.º ano: “Apresentar os provérbios ao 4º ano.”

A2, 2.º ano: “Todas.”

A3, 2.º ano: “Cartazes de provérbios com os colegas.”

A4, 4.º ano: “Fazer a carta dos provérbios e apresentá-la.”

A5, 4.º ano: Resposta Nula

A6, 4.º ano: “Ir fazer perguntas aos funcionários sobre o provérbio que nos calhou.”

A7, 4.º ano: “Entrevista.”

A8, 4.º ano: “Perguntar às funcionárias.”

A9, 4.º ano: “Entrevista.”

A10, 4.º ano: “Perguntara as pessoas o que elas achavam sobre os provérbios.”

A11, 4.º ano: “A atividade que mais gostei foi fazer as entrevistas.”

A12, 4.º ano: “Falar com as pessoas da escola para elas darem a sua opinião.”

A13, 4.º ano: “A de ir perguntar aos funcionários o significado dos provérbios.”

A14, 4.º ano: “Fazer o cartaz.”

A15, 1.º ano: “Aprender provérbios.”

A16, 1.º ano: “Cartaz.”

A17, 1.º ano: “todos.”

A18, 1.º ano: “Perguntar às pessoas o provérbio.”

A19, 1.º ano: “Cartaz.”

A20, 1.º ano: “Aperezêtare ó 4º.”

3.1 Justifica a tua resposta.

A1, 2.º ano: Não Respondeu

A2, 2.º ano: “Acho importante.”

A3, 2.º ano: “Porque é uma forma de lidar com palavras.”

A4, 4.º ano: “Achai impotente porque tive mais noção do que são os provérbios.”

A5, 4.º ano: “Amei porque assim a vida é mais interessante.”

A6, 4.º ano: “Acho pouco importante porque não os temos de usar muitas vezes.”

A7, 4.º ano: Não Respondeu

A8, 4.º ano: “Temos de saber português e história.”

A9, 4.º ano: “Acho que não é muito importante.”

A10, 4.º ano: “É uma “nova forma de falar”.”

A11, 4.º ano: “Porque nem sempre temos que os usar.”

A12, 4.º ano: “Porque são fixes.”

A13, 4.º ano: “Porque não tens sempre que usar sempre provérbios.”

A14, 4.º ano: “Acho importante conhecer provérbios porque eles ensinam lições importantes.”

A15, 1.º ano: “Porque aprendemos a fazer mais coisas.”

A16, 1.º ano: “Para conhecer os provérbios e aprender com eles.”

A17, 1.º ano: “Para aprender.”

A18, 1.º ano: “Para aprender.”

A19, 1.º ano: “Amo aprender.”

A20, 1.º ano: “É inportete para a nossa vida.”

5.1 Se respondeste SIM, indica como podes ficar a conhecer mais provérbios?

A1, 2.º ano: “Vou ver a um livro de provérbios.”

A2, 2.º ano: “a aes todar.”

A3, 2.º ano: “Ovinhdo pessouas a dizer.”

A4, 4.º ano: “Fase mai cartaze e apresentalos.”

A5, 4.º ano: “Holhando hovindo.”

A6, 4.º ano: “Vendo no gogle.”

A7, 4.º ano: “Posso pesquisar provérbios.”

A8, 4.º ano: Resposta Nula

A9, 4.º ano: “Estundando.”

A10, 4.º ano: Resposta Nula

A11, 4.º ano: Resposta Nula

A12, 4.º ano: “Livros de histórias.”

A13, 4.º ano: Resposta Nula

A14, 4.º ano: “A perguntar aos meus avós.”

A15, 1.º ano: “Vou pesquisar.”

A16, 1.º ano: “Perguntando aos pais.”

A17, 1.º ano: Não Respondeu

A18, 1.º ano: “Ver na internet.”

A19, 1.º ano: Resposta Nula

A20, 1.º ano: “Descodrido afazer trabalho.”

6. Explica por palavras tuas o que é um provérbio?

A1, 2.º ano: “Não sei.”

A2, 2.º ano: “São palavras que seosão a muito tempo.”

A3, 2.º ano: “É uma forma de falar.”

A4, 4.º ano: “O provérbio é o seguro morreu o velho.”

A5, 4.º ano: Resposta Nula

A6, 4.º ano: “Um provérbio é uma frase curta mas que indicam alguma coisa por ex: grão a grão enche a galinha o papo quer dizer que devagar se vai ao longe.”

A7, 4.º ano: “O provérbio são palavras da história.”

A8, 4.º ano: “Uma expressão antiga.”

A9, 4.º ano: “É uma expressão.”

A10, 4.º ano: “Um provérbio é uma forma mais fácil de falar, para quem fala.”

A11, 4.º ano: “Um provérbio é uma forma mais fácil de dizer coisas.”

A12, 4.º ano: “São umas frases que figuradas que nos explicam algo que os nossos antepassados deixaram-nos.”

A13, 4.º ano: “Um provérbio é uma frase que nos dá uma lição.”

A14, 4.º ano: “Os provérbios são frases antigas que nos ensinam lições.”

A15, 1.º ano: Não Respondeu

A16, 1.º ano: “É uma frase que ensina.”

A17, 1.º ano: Não Respondeu

A18, 1.º ano: Não Respondeu

A19, 1.º ano: Resposta Nula

A20, 1.º ano: Não Respondeu